

IDE E CONVIDAI A TODOS PARA O BANQUETE (cf. *Mt 22, 9*)
Meditações sobre as leituras bíblicas da Santa Missa
para o Mês Missionário de Outubro de 2024

=====

Terça-feira, 1 de Outubro de 2024

XXVI Semana do Tempo Comum – Ano B

Santa Teresa do Menino Jesus, Virgem e Doutora da Igreja

Gb 3, 1-3.11-17.20-23; Sl 87; Lc 9, 51-56

Hoje, começa o Mês Missionário, que culminará no Dia Mundial das Missões. Desde há muitos anos, a “missão” é uma das principais preocupações da Igreja, dos papas e dos bispos, de muitos movimentos... A boa vontade está presente em muitos. Então porque é que se faz tão pouco?

Talvez nos falte um pouco a determinação e a firmeza de Jesus para cumprir a Sua missão, de que ouvimos falar no Evangelho de hoje: “Aproximando-se os dias de Jesus ser levado deste mundo, Ele tomou a decisão de Se dirigir a Jerusalém.” E prosseguiu a viagem com tenacidade, mas também com paciência para com aqueles que não compreendiam ou não partilhavam a Sua missão, bem como para com os aldeões samaritanos que se recusavam a aceitá-l’O. Ensinou assim aos Seus discípulos a nova mentalidade, a nova visão, as “coisas novas” no cumprimento da missão de Deus.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, 22, diz que tudo na Igreja deve ser missionário. E nós? Continuamos com muitas estruturas mortas, comportamo-nos como até aqui, apesar de vermos que muitas coisas estão a morrer. Quanta energia investimos nas nossas paróquias e comunidades em coisas que não têm força missionária? Coisas que eram boas e fecundas há 50 ou 30 anos, já não o são hoje. Uma Igreja missionária deve também ter a coragem de deixar morrer as coisas que estão a morrer e ousar experimentar algo novo. Recordemos o que Jesus disse a quem O queria seguir no episódio evangélico imediatamente a seguir ao de hoje: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos!” (cf. *Lc 9, 60*).

Não é por acaso que o Mês Missionário de Outubro começa com a Festa de Santa Teresa de Lisieux, que quis seguir Jesus radicalmente quando era jovem e o fez por causa do grande amor que sentia por Ele até à sua morte prematura. Para nós, não é por acaso que Outubro não é apenas o mês da Missão Mundial, mas também o mês do Santo Rosário. De facto, para aceitarmos o convite de Nosso Senhor a uma entrega radical a Ele e à Sua missão, precisamos da oração e da intercessão da mulher que disse: “Eis aqui a serva do Senhor! Coloco-me inteiramente à disposição da missão de Deus para a humanidade.”

=====

Quarta-feira, 2 de Outubro de 2024

XXVI Semana do Tempo Comum – Ano B

Santos Anjos da Guarda

Ex 23, 20-23a; Sal 90; Mt 18, 1-5.10

Os primeiros vinte anos da nossa vida são passados a aprender a ser adultos. À medida que crescemos, adquirimos percepções, educação, conhecimentos e competências sem as quais este mundo não poderia funcionar. Um mundo em que só existissem crianças seria um caos e uma anarquia. O que é que Jesus quer dizer quando diz: “Se não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos Céus” (*Mt 18, 3*)?

Jesus refere-Se a duas atitudes. Primeiro, a atitude de ser pequeno: não devemos imaginar nada, não devemos sentir que somos melhores do que os outros. No reino dos céus, os últimos são os primeiros e os pequenos são, na realidade, os grandes. A segunda atitude que devemos aprender

com as crianças: elas deixam-se guiar. Mesmo que, por vezes, sejam teimosas e queiram fazer o que lhes apetece, sabem que precisam da ajuda da mamã e do papá, da ajuda “do alto”.

Hoje, é a Festa dos Santos Anjos da Guarda. Jesus diz das crianças que “os seus Anjos vêem continuamente o rosto de meu Pai que está nos Céus” (Mt 18, 10). A essência dos anjos é estarem centrados em Deus. A missão dos anjos para conosco é orientar-nos para Deus. A nossa mente deve estar voltada para o céu e não para a terra. O nosso olhar deve estar centrado na meta, em Deus, para que a nossa vida não se perca no labirinto da banalidade.

Como cristãos, precisamos mais do que nunca dos santos Anjos, para compreendermos melhor a nossa missão. O primeiro objectivo da Igreja deve ser o de difundir a fé em Jesus Cristo. Isto só é realizável pela Sua graça; só é possível se formos pequenos e humildes. E só podemos fazer a diferença neste mundo se nos centrarmos no verdadeiro e no essencial: no próprio Deus. Querido Anjo da Guarda, ajuda-me a tornar-me humilde e como uma criança. E, por favor, dirige todos os meus esforços para Deus!

=====

Quinta-feira, 3 de Outubro de 2024

XXVI Semana do Tempo Comum – Ano B

Jb 19, 21-27; Sal 26; Lc 10, 1-12

Jesus envia os apóstolos e notamos que aqui é mencionado um número invulgar: não são 12 apóstolos, mas 72. Todas as crianças sabem que os apóstolos eram 12. Doze representa a plenitude humana partindo das doze tribos de Israel. O número é tão importante que, após a traição e a morte de Judas, antes do Pentecostes, Matias é acrescentado como o décimo segundo. O número tem um papel importante até na Igreja actual, uma vez que o Papa assegura que haja sempre cerca de 120 cardeais com menos de 80 anos, ou seja, autorizados a eleger o Papa.

Lucas descreve o envio dos discípulos e é simplesmente surpreendente o facto de serem 72, não apenas 12, mas 5x12. É possível que o sábio Lucas esteja a aludir aos 72 sábios judeus que se diz terem traduzido a Bíblia hebraica para grego, razão pela qual esta tradução se chama simplesmente “Septuaginta”, que significa “setenta”.

72 também significa simplesmente que não são APENAS os 12 apóstolos, que são chamados por nome em muitos lugares nos Evangelhos. Isto tem a ver conosco, cristãos de hoje: é errado pensar que só os bispos, só os padres, etc. são enviados. O Magistério da Igreja, os papas, especialmente Francisco, não se cansam de dizer que TODOS os baptizados já têm uma missão em virtude do seu baptismo.

Estamos no Mês Missionário de Outubro e o Evangelho é um exame de consciência: estamos conscientes de que temos uma missão? Estamos conscientes de que dar testemunho do Evangelho pode custar-nos a honra? Pode custar-nos tempo e dinheiro? Pode custar-nos opressão? E que devemos esperar rejeição e escárnio? Deixemos de ficar de braços cruzados e de atribuir a culpa do declínio da fé cristã aos outros.

Eu próprio devo finalmente fazer alguma coisa, fui escolhido pelo Senhor desde o baptismo, sou um dos 72, a quem o Senhor continua a dizer: “Vai, Eu Te envio!”

=====

Sexta-feira, 4 de Outubro de 2024

XXVI Semana do Tempo Comum – Ano B

Festa de São Francisco de Assis, padroeiro da Itália

Gb 38, 1.12-21; 40, 3-5; Sal 138; Lc 10, 13-16

Para nós, cristãos de hoje, não é difícil admirar São Francisco, o humilde “Poverello”. O empenhamento a favor dos pobres, dos doentes e dos deserdados é geralmente apreciado. Mesmo as pessoas que estão longe da fé e que criticam a Igreja respeitam os cristãos que lutam pelos fracos e pelos pobres.

Se não queremos apenas “admirar” Francisco exteriormente, então devemos primeiro olhar para o seu amor por Cristo. Madre Teresa, uma versão feminina de Francisco, mostrou-nos este amor por Jesus: em adoração, diante do Santíssimo Sacramento, olhando para o Filho de Deus, encontrou a força para cuidar dos moribundos que jaziam como lixo malcheiroso nas ruas de Calcutá. Francisco era tão apaixonado pelo seu amor a Jesus que chegou a ganhar estigmas no seu corpo. A oração e a Eucaristia não são um fim em si mesmas; é a forma como nos ligamos a Jesus e recebemos a força para amar como Ele amou.

Nenhum de nós tem uma glândula hormonal que produza “altruísmo” e “devoção”. Quando amamos Jesus, uma fonte se abre n’Ele e flui através de nós. Depois, Ele transforma-nos em amantes. Porquê? Porque o fogo que arde no coração de Jesus arde subitamente em nós. Dá-se uma identificação feita por Jesus: “Quem vos ouve a Mim ouve...” (Lc 10, 16).

E então a “missão” acontece de forma automática: porque se o amor de Jesus arde em ti, automaticamente tens o desejo de transmitir o Seu fogo. Isto significa que quem se liga a Jesus e se deixa ferir pelo Seu amor tem uma missão, é uma missão. S. Francisco sentiu-se chamado a pregar o Evangelho e a falar de Jesus às pessoas. Ele era tão “missionário” que, em 1219, foi ao Egito e pregou o Senhor Jesus Cristo ao Sultão Malika Al Kamil.

São Francisco ensina-nos que a nossa missão tem origem no facto de estarmos ligados a Jesus. A Sua missão é o amor. E nós tornamo-nos parte da Sua missão através da caridade activa e do testemunho destemido.

=====

Sábado, 5 de Outubro de 2024

XXVI Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória facultativa de Santa Faustina Kowalska, Apóstola da Misericórdia

Gb 42, 1-3.5-6.12-17; Sal 118; Lc 10, 17-24

Eis, de novo, os 72 que o Senhor enviou. Não foram apenas os 12 Apóstolos, cujos nomes são bem conhecidos por nós e que honramos como a fundação da Igreja e a origem do ministério dos bispos e sacerdotes. Não, regressaram mais 60 discípulos anónimos. Estes anónimos e desconhecidos são todos os baptizados, independentemente do facto de terem responsabilidades especiais através da ordenação ou de uma vocação religiosa ou mesmo de um ministério eclesiástico. Cada baptizado é enviado, como sublinha repetidamente o Papa Francisco!

E os 72 têm boas notícias, porque os poderes do mal obedecem-lhes assim que dizem o nome de Jesus. Se quisermos tornar-nos uma Igreja missionária, temos de tomar consciência urgentemente: NÓS não determinamos o futuro da Igreja, somos apenas instrumentos. NÓS somos apenas instrumentos. O Senhor do céu e da terra é o nosso Salvador Jesus Cristo. Quando confiamos apenas nas nossas próprias forças, só podem acontecer coisas miseráveis e fracas! Os homens só podem produzir coisas humanas, mas Deus pode produzir coisas divinas!

Jesus concede aos Seus discípulos um poder que não vem deles, mas da Sua presença neles. Por isso, é bom recordar a santa de hoje: Santa Faustina Kowalska tinha apenas 35 anos; era uma mulher frágil, conhecida apenas por esta razão: “Tenho de me ligar completamente a Jesus, entregar-me completamente a Ele.” E assim, no seu retiro em Varsóvia, foi escolhida por Jesus para se tornar missionária da misericórdia. Ela queria que todos os homens, especialmente os afastados de Deus e os pecadores, experimentassem os raios de graça da misericórdia divina. Por isso, viveu, trabalhou, rezou e sacrificou a sua jovem vida.

Façamos um exame de consciência: estou suficientemente “apegado” a Jesus? É importante para mim que Ele seja anunciado? Desejo que todas as pessoas experimentem o amor misericordioso de Deus?

=====

Domingo, 6 de Outubro de 2024

XXVII Domingo do Tempo Comum – Ano B

Gn 2, 18-24; Sal 127; Heb 2, 9-11; Mc 10, 2-16

Neste primeiro Domingo Missionário de Outubro, reconhecemos as bênçãos que o Senhor nos quis dar desde a criação do mundo! A bênção dos esposos que se ajudam mutuamente (1ª leitura); a bênção da vida familiar e a felicidade de caminhar nos caminhos do Senhor (Salmo); a bênção da santificação trazida por Jesus Cristo que nos conduz pelo caminho do amor (2ª leitura); e, por fim, a bênção do coração dos filhos que acolhem a vida do Reino (Evangelho).

Neste Mês Missionário, celebramos, portanto, os abençoados pelo Senhor que, na sua vida consagrada ao Senhor, bem como na vida dos casais e das famílias, se empenham, em nome da sua fé, na construção do Reino de justiça, de fraternidade, de entreatura, de caridade e de solidariedade. Através deles, Deus actua para unir os povos e ajudar os mais pobres e necessitados. Juntos, e não sozinhos, aprendemos a superar o individualismo, o egocentrismo e a dureza de coração, e a crescer no amor, na partilha, no esquecimento e no dom de nós mesmos. Estamos habituados a ver sacerdotes e comunidades religiosas empenhados na causa do Reino de Deus; o nosso tempo oferece-nos a graça de casais e famílias missionárias, e mesmo de movimentos que assumem o desafio missionário: “Ide, fazei discípulos todos os povos” (*Mt 28, 19*), Ide e convidai a todos para o banquete (cf. *Mt 22, 9*) (tema do DMM 2024). Comentando o tema escolhido pelo Santo Padre, ele disse:

“Há dois verbos que expressam o núcleo da missão: «ide» e chamai, «convidai». Quanto ao primeiro verbo, convém recordar que antes os servos tinham sido já enviados para transmitir a mensagem do rei aos convidados (cf. 22, 3-4). Daqui se deduz que a missão é ida incansável rumo a toda a humanidade para a convidar ao encontro e à comunhão com Deus. Incansável! Deus, grande no amor e rico de misericórdia, está sempre em saída ao encontro de cada ser humano para o chamar à felicidade do Seu Reino, apesar da indiferença ou da recusa.” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*).

Da sétima catequese do Papa Francisco sobre *A paixão pela evangelização*, recordamos o seguinte: “O Concílio diz: «A vocação cristã [...] é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado» (*Decr. Apostolicam actuositatem* [AA], 2). Trata-se de uma chamada que é comum, «assim como comum é a dignidade dos membros pela sua regeneração em Cristo, comum é a graça da adopção filial, comum é a vocação à perfeição; só existe uma salvação, uma esperança e uma caridade sem divisões» (*LG, 32*). É um chamamento que diz respeito tanto aos que receberam o sacramento da Ordem, como às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, homens ou mulheres, é uma chamada a todos.”

A missão é uma questão de coração que acolhe o Reino. A Beata Paulina Jaricot descobriu-o na sua vida de oração e resumiu-o muito bem: “A oração é o Reino de Deus em nós. Que o nosso coração seja invadido pelo amor infinito de Jesus Cristo!” A missão é também uma questão de anunciar o Reino de Deus, que está sempre próximo e é amoroso e misericordioso.

“Jesus diz: «Pregai, anunciando que o reino dos céus está próximo» (v. 7). Eis o que se deve dizer, antes de tudo e em tudo: Deus está próximo. Mas, nunca esqueçamos isto: Deus esteve sempre próximo do povo, Ele próprio o recordou ao povo, Disse assim: “Vede, que Deus está tão próximo das nações como Eu estou próximo de vós?”. A proximidade é uma das coisas mais importantes de

Deus. Há três aspectos importantes: proximidade, misericórdia e ternura.” (Catequese 4. *A paixão pela evangelização*).

Rezemos para que cada pessoa, cada casal, cada família encontre a bênção e a beleza do projecto de amor sobre si. Se acolhermos o Reino de Deus em nós, os nossos corações de filhos de Deus darão frutos de amor, de entreatura, de comunhão e de unidade, e veremos a felicidade, como diz o Salmista. Que Santa Teresinha do Menino Jesus nos guie na missão de todos os baptizados durante este Mês Missionário. O Papa Francisco, inspirado por ela, diz-nos:

“Com efeito, os missionários, dos quais Teresa é padroeira, não são apenas aqueles que vão longe, aprendem novas línguas, fazem boas obras e são bons anunciadores; não, missionário é também todo aquele que vive, onde está, como instrumento do amor de Deus; que faz tudo para que, através do seu testemunho, da sua oração, da sua intercessão, Jesus passe. Este é o zelo apostólico que, recordemos sempre, nunca se realiza por proselitismo – nunca! – ou por constricção – nunca – mas por atracção: a fé nasce por atracção, não nos tornamos cristãos por sermos forçados por alguém, não, mas por sermos tocados pelo amor” (Catequese 16. *A paixão pela evangelização*).

O Papa Francisco apresenta o testemunho de um leigo venezuelano que foi missionário e instrumento do amor de Deus por onde passou: o Beato José Gregório Hernández Cisneros: “Nasceu em 1864 e aprendeu a fé sobretudo com a mãe, como ele disse: «A minha mãe ensinou-me a virtude desde o berço, fez-me crescer no conhecimento de Deus e deu-me a caridade como guia». Prestemos atenção: são as mães que transmitem a fé. A fé transmite-se em dialecto, ou seja, com a linguagem das mães, aquele dialecto que as mães sabem falar com os filhos. E a vós, mães: tende o cuidado de transmitir a fé no dialecto materno.

“A caridade foi, de facto, a estrela polar que orientou a existência do Beato José Gregório: pessoa boa e afável, de temperamento alegre, era dotado de uma inteligência perspicaz; tornou-se médico, professor universitário e cientista. Mas foi sobretudo um médico próximo dos mais fracos, a ponto de ser conhecido na sua terra natal como “o médico dos pobres”. Cuidou dos pobres, sempre. À riqueza do dinheiro preferiu a riqueza do Evangelho, gastando a sua vida para ajudar os necessitados. Nos pobres, nos doentes, nos migrantes, nos que sofrem, José Gregório via Jesus. E o sucesso que nunca procurou no mundo recebeu-o, e continua a recebê-lo, do povo, que lhe chama “santo do povo”, “apóstolo da caridade”, “missionário da esperança”. Belos nomes: “Santo do povo”, “apóstolo da caridade”, “missionário da esperança”» (Catequese 20).

Ele prova que, como proclama a antífona do Evangelho deste Domingo, “se nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o Seu amor em nós é perfeito” (1 Jo 4, 12).

=====

Segunda-feira, 7 de Outubro de 2024

XXVII Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória da Bem-Aventurada Virgem do Rosário

Act 1, 12-14; Lc 1, 46-55; Lc 1, 26-38

Outubro é o mês da missão no mundo. E é o mês do santo Rosário. Originalmente, o Rosário era uma oração meditativa inventada nos mosteiros para contemplar a vida de Jesus. Sendo uma oração muito simples, em que apenas se repetem as orações básicas “Pai Nosso”, “Avé Maria” e “Glória ao Pai”, depressa se tornou muito popular entre os Irmãos leigos. Depois, os Dominicanos difundiram a oração do Terço também entre os fiéis comuns. O cordão de oração que logo surgiu é uma ajuda e um lembrete para rezar regularmente.

É uma coincidência que o tema “Rosário” e “Missão no Mundo” coincidam em Outubro. Missão não é colonização; missão não é a expansão imperial de uma ideologia religiosa que se sente superior a outras. A missão é o convite humilde a abrimo-nos a Deus, que nos quer redimir e curar. Maria

abre-se a este convite, que o Anjo Gabriel lhe dirige: “Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a Tua palavra” (Lc 1, 38).

Em 1822, a Beata Paulina Maria Jaricot (1799-1862) fundou uma associação chamada “Obra da Propagação da Fé”. Ela queria promover a oração e recolher donativos para as missões. Em 1826, fundou o “Rosário Vivo” e, até ao fim da sua vida, reuniu mais de dois milhões de franceses que rezavam diariamente uma dezena do Terço pelas missões de todo o mundo. A obra da Beata Paulina Maria Jaricot foi elevada a “Pontifícia” pelo Papa Pio XI em 1922. É surpreendente que as Obras do Papa para as missões do mundo não tenham tido origem numa estratégia do Vaticano, mas na iniciativa de oração de uma jovem mulher, uma leiga!

Se queremos ajudar as missões no mundo, então temos de rezar! Sem oração não há missão, porque o Espírito Santo é – como repete o Papa Francisco – o motor da missão. Também a nossa oração do Terço se torna “cintilante” quando a recitamos com espírito missionário, quer pelos muitos que ainda não conhecem Cristo, quer por nós na Europa, especialmente os jovens, para que reconheçam o sentido último e a razão da sua vida naquele Deus a quem Maria declara: “Faça-se em mim segundo a Tua palavra” (Lc 1, 38).

=====

Terça-feira, 8 de Outubro de 2024

XXVII Semana do Tempo Comum – Ano B

G/1, 13-24; Sal 138; Lc 10, 38-42

Recordemo-nos: Deus é o Senhor da história e nela opera a Sua salvação. Ele espera a nossa colaboração, mas seria absolutamente errado se pensássemos que somos nós que temos de redimir e salvar o mundo. Hoje, todos corremos o risco de cair na falsa doutrina de Pelágio, que, no século IV, pensava que bastava arregaçar as mangas e salvar o mundo e a Igreja por nós próprios. Sem a graça. Santo Agostinho, que já tinha experimentado a superioridade da graça aquando da sua conversão, criticou Pelágio. E com razão!

Podemos mudar o mundo só com a ajuda de Deus, só confiando na Sua obra, na Sua ajuda, na Sua graça. O “Sim, nós podemos!” que os políticos têm usado como *slogan* motivacional nos últimos anos deve ser urgentemente complementado numa perspectiva cristã: “Sim, nós podemos – com a ajuda de Deus!”

Ontem foi a festa do Rosário e recordámos que a missão precisa de oração. Mais uma vez: não somos os donos do mundo, somos apenas colaboradores na obra de Deus. Precisamos daquele Deus a quem os Salmos já reconhecem o domínio sobre toda a terra.

Os Padres da Igreja são unânimes em afirmar que o Evangelho de hoje nunca deve ser interpretado no sentido de que Marta tenha feito algo de errado ou mesmo de mau. Marta trabalha por amor: cozinha, cuida, faz o bem ao Seu hóspede, a Jesus. Maria, pelo contrário, senta-se simplesmente aos pés de Jesus e escuta-O; está completamente concentrada n’Ele, o divino Salvador. A lição que Jesus dá a Marta é uma lição que dá também a nós, pelagianos de hoje, que pensamos que podemos fazer e resolver as coisas sozinhos.

Em Outubro, Mês das Missões, temos muitas ideias, muitas iniciativas, muitos eventos para tratar do futuro da Igreja. Isso é bom. Mas também é necessário “relaxar”. Não somos nós que criamos o futuro da Igreja, mas o próprio Senhor.

Sem os ministérios de Marta, é claro, a Igreja não funcionará, mas se faltar a prioridade da escuta e da fé em Jesus, não teremos sucesso.

=====

Quarta-feira, 9 de Outubro de 2024

XXVII Semana do Tempo Comum – Ano B

Gl 2, 1-2.7-14; Sal 116; Lc 11, 1-4

Os discípulos pedem a Jesus que os ensine a rezar. Jesus responde imediatamente e de bom grado. E ensina-lhes uma breve oração de súplica a Deus, Seu Pai, que é também “nosso Pai”. É de notar que esta é, de facto, a única oração que Jesus ensina pessoalmente aos Seus apóstolos, incluindo a nós.

Os judeus conheciam muitas formas de oração: de acção de graças, de louvor, de súplica, de adoração, etc. Os Salmos oferecem um vasto leque de orações. Por isso, é ainda mais interessante o facto de Jesus ensinar aos discípulos uma oração de petição. No *Evangelho de Mateus*, o Pai Nosso é composto por sete petições; aqui, em *Lucas*, encontramos cinco.

Nos últimos anos, a oração de petição entrou em crise. É filosoficamente difícil compreender por que razão uma pessoa deve pedir algo a Deus, que sabe e pode fazer tudo como quer... Que sentido tem? Sob a influência da religiosidade oriental, que se tornou cada vez mais popular entre nós nos últimos 50 anos, “rezar” passou a ser entendido mais como uma auto-absolvição subjectiva. A “oração” como algo que é acima de tudo “bom para mim”. Através da oração, não pressiono Deus a fazer algo, mas mudo-me a mim próprio.

Trata-se, de facto, um ateísmo latente, porque já não temos fé em Deus para fazer nada neste mundo. A oração de súplica só tem sentido em mim, na mudança das minhas atitudes, dos meus estados de espírito. Mas será que Jesus só ensinou aos Seus discípulos estas grandes petições do Pai Nosso para que eles se tranquilizassem? É evidente que não! Jesus espera tudo de Deus, Seu Pai, e quer que nós façamos o mesmo. É claro que Deus não precisa das nossas orações! Mas deseja-as. É por isso que Jesus diz: “Pedi e dar-se-vos-á, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á” (*Mt 7, 7*).

No Mês Missionário de Outubro, devemos rezar conscientemente o Pai Nosso pelas missões do mundo. Todas as petições do Pai Nosso têm uma dimensão missionária: missão significa querer que o nome de Deus seja santificado, que o Reino de Deus surja no coração dos homens, que todos vivam com justiça e tenham o pão necessário, que venha o perdão misericordioso e que Deus acabe com a guerra, a discriminação, a fome, a violência e a destruição do nosso *habitat*, a terra...

=====

Quinta-feira, 10 de Outubro de 2024

XXVII Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória facultativa de S. Daniel Comboni, Bispo e fundador

Gal 3, 1-5; Lc 1, 69-75; Lc 11, 5-13

Há dezenas de passagens do Evangelho em que Jesus promove intensamente a oração de petição. Hoje, Jesus motiva-nos não só a rezar com insistência, mas também a não ter medo de incomodar Deus com as nossas petições.

A lição que Jesus nos ensina hoje foi precedida de um episódio: os Seus discípulos pediram-Lhe que os ensinasse a rezar. Jesus ensina-lhes uma oração, uma oração de petição: o Pai Nosso consiste apenas em pedir. Jesus não lhes ensina o louvor, a acção de graças, a adoração... Sem dúvida que quer que nós façamos o mesmo, porque Ele próprio pratica todas as formas de oração. Mas ensina-lhes sobretudo a fazer grandes súplicas a Deus! E garante-nos com firmeza que seremos ouvidos. É por isso que a Igreja ensina também que todas as nossas orações serão atendidas! Naturalmente, sempre de acordo com a vontade de Deus, porque só Ele sabe o que é melhor para nós.

Para Ele, é importante que a nossa oração seja “persistente”. Atenção: quando pedimos a Deus, não devemos esperar que Ele seja uma máquina de venda automática de refrigerantes, na qual eu insiro as minhas orações como se fosse uma moeda de dois euros e a lata de Coca-Cola ou outra bebida sai imediatamente... Perseverança significa que tenho de me envolver numa espécie de luta com Deus, em quem tenho de depositar toda a minha confiança. Isto requer tempo, paciência, perseverança, até mesmo teimosia.

Houve uma mulher no passado que rezava persistentemente e era também uma “missionária”. A “missão” de Santa Mónica era levar o seu filho Agostinho a Cristo. Rezou e sofreu por ele durante muitos anos. Podemos modificar a resposta que um sacerdote lhe deu: “Vai em paz, um filho de muitas lágrimas não se perde!”: “Uma pessoa por quem se reza muito não se perde.”

Jesus quer motivar-nos a rezar tanto que nos exorta mesmo a incomodar Deus, a sermos insistentes! Isto significa que nunca é demais pedir, nunca é demais rezar! Isto é particularmente importante para a missão no mundo, porque muitas vezes excluimos as pessoas. Corremos o risco de nos resignarmos simplesmente ao facto de que tantas pessoas neste planeta ainda não conhecem Cristo e que tantas pessoas baptizadas vivem como pagãos. Não, esta resignação não é cristã. Voltemos a bater à porta de Deus, nosso Pai que está nos céus, e peçamos-Lhe encarecidamente que todas as pessoas possam experimentar a salvação.

=====

Sexta-feira, 11 de Outubro de 2024

XXVII Semana do Tempo Comum – Ano B
Gl 3, 7-14; Sal 110; Lc 11, 15-26

Estamos no Mês Missionário de Outubro, cujo ponto alto é o Dia Mundial das Missões. A Igreja celebra-o desde 1926, quando o mundo e a Igreja viviam um período ‘demoníaco’. Os demónios do nacionalismo tinham conduzido à Primeira Grande Guerra Mundial e, com o seu fim, os demónios não tinham de modo algum desaparecido, mas tinham-se tornado ainda mais ferozes, alimentados por terríveis crises económicas. Durante este período, o Papa Pio XI (1922-1939) opôs às hostilidades e rivalidades entre as nações o domínio de Cristo. O seu lema é programático e diz: “*Pax Christi in regno Christi* – A paz de Cristo no reino de Cristo!”

Um dos exorcismos do seu tempo foi a fundação das Obras Missionárias Pontifícias em 1922, onde transformou as três sociedades missionárias nacionais francesas existentes numa organização universal e “papal”. A Igreja foi, desde o seu início, um actor global, transcendendo todas as fronteiras raciais, étnicas e políticas. Isto é evidenciado pela lista de 17 (!) grupos étnicos (Act 2, 9-11) que se reuniram à volta de Pedro e dos discípulos cheios do Espírito no Pentecostes.

No Evangelho de hoje, Jesus fala da expulsão dos demónios. Diz de Si próprio: “Se Eu expulso os demónios pelo dedo de Deus, então quer dizer que o reino de Deus chegou até vós” (Lc 11, 20). Não cometamos o erro dos séculos anteriores, em que a Igreja, com as suas instituições, hierarquias e órgãos, era praticamente identificada com o Reino de Deus. A Igreja não é o reino de Deus. Mas serve o reino de Deus, o Seu reino no coração dos homens e a união dos povos.

Pio XI não só fundou as Obras Missionárias Pontifícias em 1922, como também introduziu o Dia Mundial das Missões em Outubro de 1926, então em preparação para a festa de Cristo Rei, que era celebrada no último Domingo de Outubro. Trata-se da solidariedade mundial entre os cristãos católicos que rezam com e pelos outros. Trata-se de solidariedade, de recolha de fundos em todas as Igrejas do mundo e de criar um equilíbrio justo no seio da Igreja. O Dia Mundial das Missões expulsa de nós, católicos, os demónios da “auto-referencialidade” (Papa Francisco). Abre os nossos corações à solidariedade global. Hoje, em particular, o Dia Mundial das Missões é um contributo importante para assegurar que “a paz de Cristo reine no reino de Cristo” (Pio XI).

=====

Sábado, 12 de Outubro de 2024

XXVII Semana do Tempo Comum – Ano B
Gl 3, 22-29; Sal 104; Lc 11, 27-28

Que dizer da nossa devoção a Maria, Mãe de Deus? É um fenómeno psicológico normal: se somos “fãs” de alguém, desenvolvemos automaticamente uma devoção pela mãe. Por outras palavras, quando o filho se torna uma estrela, isso afecta automaticamente a mãe, como mostra a história familiar de Elvis Presley, Michael Jackson ou Elton John...

Mas o nosso Senhor e Salvador não queria ser um “Jesus Cristo Superstar” ao estilo de Andrew Lloyd Webber, nem queria isso da Sua mãe ou dos Seus discípulos. Ser adorado exteriormente foi sempre muito pouco para Ele. No entanto, não o rejeitou porque não veio para combater os fenómenos psicológicos naturais, mas elevá-los ao sobrenatural. Por isso, não Se defende da adoração pessoal, da simpatia e da “adulação” que Lhe são dirigidas. Deixa que a multidão O acolha como um herói quando entra em Jerusalém. Mas a razão pela qual vai a Jerusalém não é para estabelecer um culto estelar à sua volta, mas para fazer com que o soldado que Lhe trespassou o coração na cruz diga: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus!” (Mc 15, 39). E, a partir desse momento, milhões e milhares de milhões de pessoas professarão a fé n’Ele.

Podemos e devemos amar Maria com todas as nossas forças. O feminino e o maternal também desempenham um papel importante, porque cada pessoa tem uma relação especial e naturalmente terna com a sua mãe. Isso é permitido! Sim, o seu ventre é abençoado, porque Lhe foi permitido carregar dentro de si o que os céus não podem conter. Sim, o seu ventre é abençoado porque Lhe foi permitido amamentar com o seu leite materno Aquele que quer tornar-Se alimento para todos nós na Eucaristia. Jesus encarnou para poder acariciar esta mulher como uma criança, que mais tarde nos daria como mãe na cruz. O Vaticano II diz d’Ele: “Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano” (*Gaudium et spes*, 22).

O natural é a condição prévia do sobrenatural. Se amamos Jesus, amamos automaticamente aquela que tornou possível a Sua encarnação e que O serviu como nenhum outro ser humano. Mas uma “adoração” de Maria seria muito pouco. Jesus quer o discipulado, Jesus quer a imitação. São Bernardo de Claraval (+1153) diz: “Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensa em Maria, invoca Maria. Que ela não se afaste dos teus lábios, não se afaste de teu coração.”

=====

Domingo, 13 de Outubro de 2024

XXVIII Domingo do Tempo Comum – Ano B
Sb 7, 7-11; Sal 89; Heb 4,1 2-13; Mc 10, 17-30

Neste Mês Missionário, o apelo de Cristo a segui-l’O, a deixar tudo pelo Evangelho e pela vida eterna, chama-nos. Ele quer pessoas pobres de coração, que procurem apenas as riquezas da Sua Palavra para viver dela, que rezem para receber e irradiar a Sua sabedoria. Ser discípulo-missionário leva-nos a renunciar às riquezas deste mundo e a escolher a única riqueza que pode satisfazer o nosso coração: a riqueza do amor do Senhor, como pede o Salmo de hoje: “Enchei-nos da Vossa misericórdia: será ela a nossa alegria” (*Salmo* 89).

O Papa Francisco trouxe o exemplo de Madeleine Delbrêl, uma buscadora de Deus que viveu no agnosticismo até aos vinte anos. Depois partiu em busca de Deus com uma sede profunda e um “vazio que nela gritava a sua angústia”. O seu caminho de fé leva-a a escolher uma vida totalmente dedicada a Deus, no coração da Igreja e do mundo. Deslumbrada com o seu encontro com o Senhor, escreveu: “Uma vez que conhecemos a palavra de Deus, não temos o direito de não a receber; quando a recebemos, não temos o direito de não a deixar encarnar-se em nós; quando se encarna em nós, não temos o direito de a conservar para nós: a partir daquele momento,

pertencemos àqueles que a esperam” (*La santità della gente comune*, Milão 2020, 71)” (Catequese 25. *A paixão pela evangelização*). Não é isto que testemunha a *Carta aos Hebreus* deste Domingo? A Palavra de Deus é viva e eficaz (cf. *Heb 4, 12*) e encarna-se em nós para que a possamos testemunhar aos outros.

Outro discípulo-missionário que deixou tudo para seguir Cristo e testemunhar o Seu Evangelho é São Carlos de Foucauld. “Depois de ter vivido uma juventude longe de Deus, sem acreditar em nada, a não ser na busca desordenada do prazer, ele confia-o a um amigo não crente, a quem, depois de se ter convertido aceitando a graça do perdão de Deus na Confissão, revela a razão da sua vida. Escreve: «Perdi o meu coração por Jesus de Nazaré». Assim, o Irmão Carlos recorda-nos que o primeiro passo para evangelizar é ter Jesus dentro do coração, é “perder a cabeça” por Ele. Se isso não acontecer, dificilmente conseguiremos mostrá-l’O com a vida. Ao contrário, corremos o risco de falar de nós próprios, do nosso grupo de pertença, de uma moral ou, pior ainda, de um conjunto de regras, mas não de Jesus, do Seu amor, da Sua misericórdia” (Catequese 23. *A paixão pela evangelização*).

O discípulo-missionário encontrou o tesouro de que Jesus fala no Evangelho de hoje. Continuando a sua catequese sobre Charles de Foucauld, o Papa Francisco fala deste tesouro: “À medida que cada um de nós conhece mais Jesus, nasce o desejo de O dar a conhecer, de partilhar este tesouro. Comentando a narração da visita de Nossa Senhora a Santa Isabel, leva-o a dizer: «Ofereci-me ao mundo... levai-me ao mundo!». Sim, mas como fazê-lo? Como Maria, no mistério da Visitação: «Em silêncio, com o exemplo, com a vida». Com a vida, porque «toda a nossa existência – escreve o Irmão Carlos – deve gritar o Evangelho». E muitas vezes a nossa existência grita mundanidade, grita tantas coisas estúpidas, coisas estranhas, e ele diz: “Não, toda a nossa existência deve gritar o Evangelho.”

“Então, ele decide estabelecer-se em regiões longínquas para gritar o Evangelho no silêncio, vivendo no espírito de Nazaré, em pobreza e escondimento. Vai para o deserto do Sahara, entre os não-cristãos, e chega lá como amigo e irmão, levando a mansidão de Jesus-Eucaristia” (Catequese 23).

A promessa de Jesus a quem deixar tudo por amor a Ele e ao Evangelho é entrar na vida eterna, no Reino! Isto é impossível para o homem, mas possível para Deus! Neste Mês Missionário, celebramos a contínua exortação de Deus a todos para que O sigam e se entreguem pelo Evangelho e pelo Reino. Por fim, deixamos que Deus torne possível o nosso desejo de abraçar a missão com todo o coração. Este apelo reflecte-se também no tema do próximo Domingo, Dia Mundial das Missões: Ide e convidai a todos para o banquete (cf. *Mt 22, 9*).

No “Vem e segue-Me”, como no “Ide e convidai a todos”, há um apelo a ir. Voltemos ao testemunho de Madeleine Delbrêl: “Para estar contigo no Teu caminho, é preciso ir, até quando a nossa preguiça nos suplica que fiquemos. Escolheste-nos para estar num estranho equilíbrio, um equilíbrio que só pode ser estabelecido e mantido em movimento, só num impulso. Um pouco como uma bicicleta, que não consegue ficar de pé sem estar em movimento [...] Só podemos estar de pé avançando, movendo-nos, num ímpeto de caridade». É aquilo a que ela chama a “espiritualidade da bicicleta” (*Umorismo nell’Amore. Meditazioni e poesie*, Milão 2011, 56). Só a caminho, correndo, vivemos no equilíbrio da fé, que é um desequilíbrio, mas é assim: como a bicicleta. Se parmos, ela não fica em pé” (Catequese 25: *A paixão pela evangelização*).

No Evangelho, o rico que procurou a vida eterna não encontrou a alegria, mas a tristeza do materialismo. Para aqueles que, pelo contrário, encontraram a verdadeira alegria ao dar tudo e escolher Jesus, o Papa Francisco recorda-nos que hoje é um momento oportuno para anunciar Jesus e a alegria do Evangelho: “Assim, como os dois de Emaús, volta-se à vida de todos os dias com o ímpeto de quem encontrou um tesouro: aqueles dois eram jubilosos, porque tinham encontrado Jesus, e isto mudou as suas vidas. E descobre-se que a humanidade está repleta de irmãos e irmãs que aguardam uma palavra de esperança. O Evangelho é esperado até hoje: o homem de hoje é como o homem de todos os tempos, precisa dele, inclusive a civilização da

incredulidade programada e da secularidade institucionalizada; aliás, sobretudo a sociedade que deixa vazios os espaços do sentido religioso, precisa de Jesus. Este é o momento favorável para o anúncio de Jesus. Por isso, gostaria de dizer novamente a todos: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, a alegria nasce e renasce sem cessar» (*ibid.*, 1) (Catequese 26).

Por fim, juntemo-nos ao Papa Francisco para agradecer, neste Mês Missionário, a todos aqueles que responderam ao apelo de deixar tudo pelo anúncio do Evangelho: “Aproveito o momento para agradecer aos missionários e missionárias que, respondendo ao chamamento de Cristo, deixaram tudo e partiram para longe da sua pátria a fim de levar a Boa Nova aonde o povo ainda não a recebera ou só recentemente é que a conheceu. Irmãs e irmãos muito amados, a vossa generosa dedicação é expressão tangível do compromisso da missão ad gentes que Jesus confiou aos Seus discípulos: «Ide e fazei discípulos de todos os povos» (Mt 28, 19). Por isso continuamos a rezar e a agradecer a Deus pelas novas e numerosas vocações missionárias para esta obra de evangelização até aos confins da terra” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*).

=====

Segunda-feira, 14 de Outubro de 2024

XXVIII Semana do Tempo Comum – Ano B

Gl 4, 22-24.26-27.31-5,1; Sal 112; Lc 11, 29-32

No Evangelho de hoje, Jesus pronuncia uma palavra devastadora: “Esta geração é uma geração perversa...”. Se Ele disse isto aos Seus ouvintes há 2000 anos, ainda mais se aplica a nós hoje! As guerras, a exploração da natureza, a persistência da pobreza e da fome em grande parte do mundo, uma economia global injusta... deixam-nos tristes e até deprimidos. E nem nós, católicos, estamos a viver uma fase de optimismo. Há muita incerteza na Igreja sobre como lidar com a mudança. A compreensão do casamento e da família, a protecção da vida por nascer, a dignidade e a inviolabilidade do ser humano até à morte natural, etc. O que antes parecia claro, de repente tornou-se obscuro.

Uma Igreja missionária deve enfrentar a realidade. O organismo mundial sofre de muitas doenças. Sem diagnóstico, não há cura. Por isso, é nosso dever contrariar as tentativas de vender o branco pelo preto e o preto pelo branco à luz do Evangelho. Os valores do Evangelho são claros e permitem-nos fazer um julgamento: “Esta geração é perversa!” Jesus também o diz de forma muito clara e apodíctica.

Gostaríamos também de um sinal. Na Igreja, há um grande desejo de uma “poção mágica”, como na banda desenhada “Astérix e Obélix”. Um gole e nós, cristãos, voltaríamos a ter sucesso... Alguns na Igreja querem voltar aos velhos tempos, outros querem ser “modernos” e adaptar-se ao espírito dos tempos: nenhum deles nos levará ao futuro.

Às gerações de há 2000 anos, que pediram sinais milagrosos mundanos para terem sucesso, Jesus responde com um apelo ao arrependimento. Para onde se deve virar a geração perversa? Para Jesus! Ele aponta para Si próprio: “Aqui está quem é maior do que Salomão! Aqui está quem é maior do que Jonas! Aqui está Aquele que abre a porta do coração do Pai.”

Só podemos mudar o mundo se nos convertermos a Jesus e ao Seu “programa”. Naturalmente nós, cristãos, queremos mudar, melhorar e curar este mundo terreno. Jesus também o fez. Mas o sucesso terreno é temporário. Jesus realiza a plenitude da redenção através da Sua morte. A verdadeira coisa que Jesus quer trazer a um mundo tão cheio de miséria é o amor e a justiça. Ou, para usar as suas palavras: “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18, 36).

=====

Terça-feira, 15 de Outubro de 2024

XXVIII Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória de Santa Teresa de Jesus, Virgem e Doutora da Igreja

Gl 5, 1-6; Sal 118; Lc 11, 37-41

As palavras dirigidas aos fariseus são fortes, desafiadoras e devem ser escutadas com particular atenção. Escutemo-las de novo: “Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. Insensatos! Quem fez o interior não fez também o exterior? Dai antes de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo.” O que é que deve ser purificado? O interior ou o exterior? Por dentro estão cheios de cobiça e maldade... O problema não é o exterior, a aparência, mas o nosso coração, todo o mal que nele podemos esconder: a avareza, a maldade e todo o tipo de maus pensamentos.

De facto, o Senhor convida-nos a reflectir sobre a nossa hipocrisia, as nossas aparências, tudo o que fazemos para nos tornarmos belos aos olhos dos outros, enquanto o nosso coração não corresponde ao que apresentamos no exterior. Jesus convida-nos a cuidar do nosso coração, daquilo que nos torna profundos no nosso ser. Como sempre, o Senhor exorta-nos a uma conversão radical. Aqui, propõe-nos que demos em esmola tudo o que temos e tudo ficará limpo para nós. Deixaremos de ter o desejo de possuir mais e mais, de acumular riquezas ou de parecer belos, correndo o risco de sermos egocêntricos.

O Senhor pede-nos, portanto, uma purificação, mas não uma purificação qualquer. Não se trata de formalismo legal, de abluções repetidas, de lavagens profundas, nem mesmo de nos afastarmos dos pecadores que parecem exalar impureza. Não se trata de evitar sepulturas e impurezas aleatórias. A única purificação é a interior, explica Jesus: nada do que vem do exterior pode tornar o homem impuro, porque é do interior, do coração dos homens, que emergem os maus designios (*Mc 7, 14-23*). Trata-se de um ensinamento novo e libertador, que os discípulos têm dificuldade em apreender, em compreender. Sem dúvida que, para cada um de nós, é mais fácil lavar o exterior do que limpar o interior, os nossos pensamentos, o nosso coração e todo o mal que ele pode conter, todo o mal que muitas vezes desejamos aos outros.

O que aqui é posto em evidência é a simplicidade da fé e do amor, a direcção para a qual os discípulos devem gravitar, ou seja, o coração puro: “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (*Mt 5, 8*). Esta pureza é a da essência da pessoa, encerrada na palavra espírito. Os pobres de coração são também os pobres em espírito. É o núcleo e o todo da pessoa. Pensemos no *Salmo 34, 19* onde está escrito: “O Senhor está perto dos corações atribulados e salva os que estão de espírito abatido.” Estes pobres fazem parte da grande família dos que passaram por provações materiais e espirituais e só podem contar com a ajuda do Senhor. Cada um deles pode dizer com confiança: “Sou pobre e necessitado, o Senhor cuida de mim” (*Sl 40, 18*). A evangelização dos pobres, com milagres, é o sinal dado por Jesus aos enviados de João Baptista, para que reconheçam que Ele é o Messias esperado (cf. *Mt 11, 5*). O pobre espera a salvação do Senhor e, confiante, espera e executa a vontade do seu Senhor. A sua alma responde aos Seus pedidos e às Suas ordens. Ele está confiante de que o seu grito e a sua oração chegarão aos ouvidos do Senhor, que o salvará segundo a sua promessa. Ele já pode cantar o louvor do Senhor.

Cristo libertou-nos para que sejamos livres, explica o apóstolo Paulo. Por isso, somos convidados a mantermo-nos firmes. “Permaneçei, pois, firmes e não vos deixeis sujeitar de novo a um jugo de servidão” (*Gal 5, 1*), explica o apóstolo. Para ver Deus, para apresentar-se a Ele, já não no Seu templo de Jerusalém, mas no Seu Reino, a *pureza moral já não é suficiente*. É necessária a presença activa do Senhor na vida quotidiana; é necessário o amor, a presença de Deus-Amor; então o homem será puro em todos os sentidos. De facto, Jesus explica aos Seus apóstolos: “Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos disse” (*Jo 15, 3*). “Quem tomou banho não tem necessidade de lavar senão os pés, pois está inteiramente puro” (*Jo 13, 10*).

Falando de alimentos, Pedro é levado a tirar uma tripla conclusão: já não há alimentos impuros (cf. *Act 10, 15; 11,9*); os próprios incircuncisos já não estão contaminados (cf. *Act 10, 28*); é pela fé que

Deus purifica agora o coração dos gentios (cf. *Act* 15, 9). Paulo esclarece a questão da pureza, afirmando que, para o cristão, “nada é impuro em si mesmo” (*Rm* 14, 14). Cessando o domínio da antiga Lei, as observâncias da pureza tornam-se “prescrições estéreis”, das quais Cristo nos libertou (cf. *Gal* 4, 3.9; *Col* 2, 16-23). Cristo entregou-Se pela Igreja, para a santificar através da purificação com o banho de água (cf. *Ef* 5, 26). Não se trata de uma purificação exterior, porque as águas do baptismo libertam-nos de toda a mancha, associando-nos a Jesus Cristo ressuscitado (1, 3.21). De facto, somos purificados pela esperança em Deus que, por Cristo, nos fez filhos adoptivos (cf. *1 Jo* 3, 3). Como cristãos, devemos purificar-nos desde já de toda a contaminação do corpo e do espírito para completar a obra da santificação (cf. *2 Cor* 7, 1). “Tudo é puro para aquele que é puro” (*Tt* 1, 15) e agora o que conta diante de Deus é a disposição profunda de um coração regenerado e renovado (cf. *1 Tm* 4, 4). A caridade cristã nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé recta (cf. *1 Tm* 1, 5). Que alegria servir o Senhor com uma consciência pura (*2 Tm* 1, 3)! O contrário da impureza é a santidade (*1 Ts* 4, 7s; *Rm* 6, 19). De facto, somos convidados a ir ter com Cristo, morto e ressuscitado; é Ele que nos purifica e nos liberta de todo o mal.

Como podemos evangelizar se nos afastamos das pessoas que consideramos impuras, pecadoras, contaminadas? Como podemos evangelizar se não vamos ao encontro dos nossos contemporâneos, dos nossos irmãos e irmãs, independentemente das suas convicções religiosas e graus de santidade? Cabe a cada um de nós, discípulos missionários, fazer brotar dos nossos corações puros a justiça e a fé, a caridade e a paz, sem esquecer o dinamismo missionário. O Espírito é-nos dado para avançarmos no caminho da santidade, do amor e da justiça. A Igreja oferece-nos os sacramentos e vários outros meios para seguir o Senhor Jesus. Vós que procurais a justiça através da Lei, se vos separastes de Cristo, perdestes a Graça se não confiais na misericórdia e na ternura de Deus, se não acreditais no Espírito santificador. Discípulos de Cristo, é pelo Espírito e na fé que devemos esperar a justiça esperada e crescer na santidade. Porque, em Cristo Jesus, o que vale não é o facto de se ser circuncidado ou não, mas uma fé que actua pela caridade.

=====

Quarta-feira, 16 de Outubro de 2024

XXVIII Semana do Tempo Comum – Ano B

Gl 5, 18-25; *Sal* 1; *Lc* 11, 42-46

No Evangelho, Jesus dirige-Se aos chefes, aos animadores da experiência religiosa de Israel. O Seu modo de falar é profético e, para isso, utiliza as “ameaças” que são oráculos de desventura e, portanto, indicam comportamentos que conduzem à ruína. São avisos, tal como Paulo indica aos Gálatas, na primeira leitura, as “obras da carne” que os afastam do Reino de Deus.

Estes vícios fazem perder a vida do Espírito e contrastam com os frutos esperados de uma vida espiritual, a saber, “a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e a temperança”. Vejamos agora cada um dos comportamentos e atitudes que Jesus quer corrigir para que sejam reorientados em harmonia com o Reino de Deus: “Ai de vós, fariseus, porque pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, mas desprezais a justiça e o amor de Deus!” (*Lc* 11, 42a). Jesus não está a atacar a lei em si (cf. *Dt* 12, 22; *Lv* 27, 30), mas sim o modo e a razão pela qual o dízimo é exigido. Os fariseus foram demasiado zelosos nas suas exigências e caíram num “pormenor” que os faz perder o verdadeiro sentido do que estão a fazer. Isto leva-os a esquecer o que é importante: o amor de Deus e a justiça para com os seus irmãos.

A este propósito, o Papa Francisco recordou-nos a correcta gradualidade no anúncio do Evangelho: “Uma pastoral em chave missionária não está obcecada com a transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objectivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem excepções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao

mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa” (EG, 35).

“Ai de vós, fariseus, porque gostais do primeiro lugar nas sinagogas e das saudações na praça pública!” (Lc 11, 43). Ser líder religioso confere um certo prestígio e pode-se cair no grave perigo de procurar honras ou privilégios. Neste caso, pensa-se em si mesmo, na sua própria imagem, na tentativa de ser visto pelos outros como puros e justos, como pessoas boas. Esta atitude pode fazer-nos perder o rumo da missão e comprometer seriamente o anúncio do Evangelho.

Mais uma vez, o Papa Francisco nos ilumina: “A centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena” (EG, 165).

“Ai de vós, porque sois como sepulcros disfarçados, sobre os quais passamos sem o saber!” (Lc 11, 44). Esta é provavelmente uma das advertências mais importantes. Faz eco da exigência de pureza dos túmulos de *Números* 19, 16, onde tocar num túmulo era motivo de impureza, pelo que tinham de ser caiados de modo a se tornarem mais visíveis. A interpretação de *Lucas* é inédita: os sepulcros são os líderes religiosos que se destacam (“branqueados” é uma referência à visibilidade mencionada no segundo “ai!”), e as pessoas que os rodeiam constantemente para ouvir os seus ensinamentos são elas que se tornam impuras, porque, em contacto com eles, são contaminadas pelos seus vícios sem se aperceberem. Um evangelista que não é fiel ao Evangelho pode distorcer a mensagem e desviar os outros.

“Ai de vós também, doutores da lei, porque impondes aos homens fardos insuportáveis e vós próprios nem com um só dedo tocais nesses fardos!” (Lc 11, 46). Os doutores da Lei, a quem se dirige esta última “ameaça”, eram conhecidos pela sua interpretação rigorosa da Lei, à qual acrescentavam certas obrigações sem justificação. Mas, por seu lado, conseguiam astutamente não fazer o que mandavam fazer. Este “aviso” chama a atenção para a necessidade de coerência e de empenhamento pessoal naquilo que pregamos.

Tomemos hoje a peito a admoestação de S. Paulo: “Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o Espírito.”

=====

Quinta-feira, 17 de Outubro de 2024

XXVIII Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória de Santo Inácio de Antioquia, bispo e mártir

Ef 1, 1-10; *Sal* 97; *Lc* 11, 47-54

Hoje celebramos a memória de Santo Inácio de Antioquia, bispo e mártir, e as leituras permitem-nos abordar o mistério da vida do profeta-mártir, do apóstolo-mártir. Embora o Evangelho seja uma continuação do que lemos ontem, hoje o tom dramático é mais acentuado, de tal modo que, no final, Jesus é atacado pelos escribas e fariseus que o tinham convidado para jantar.

Recordemos o contexto: Jesus tinha sido convidado para comer em casa de um fariseu e o Seu anfitrião parecia surpreendido pelo facto de Jesus não ter feito as abluções rituais, a lavagem antes de comer. Este jantar parece ser narrado tendo em mente o chamado *simpósio grego*, ou seja, uma refeição solene em que os convidados discutiam questões filosóficas enquanto comiam e bebiam. O narrador de *Lucas* utiliza este cenário tão familiar aos seus leitores.

“Ai de vós, porque edificais os túmulos dos profetas, quando foram os vossos pais que os mataram.” Esta acusação de perseguir e matar os profetas, que são a consciência de todo um povo, atravessa o *Evangelho de Lucas* a partir do Sermão da Montanha (*Lc 6, 22-23*) e é retomada nos *Actos dos Apóstolos* (*Act 7, 52*). Jesus identifica-Se como profeta (*Lc 4, 24; 13, 33-34*).

A acusação de construir túmulos para os profetas é um insulto que Jesus esclarece imediatamente, afirmando que a geração daquele tempo não é melhor do que a anterior e apenas dá continuidade à matança sistemática dos profetas e mensageiros de Deus. Precisamente por causa dessa continuidade, a construção de túmulos, monumentos e lápides em honra dos profetas assassinados acaba por ser uma forma de celebrar a sua morte violenta e, portanto, de a aprovar.

“É por isso que a Sabedoria de Deus disse: ‘Eu lhes enviarei profetas e apóstolos; e eles hão-de matar uns e perseguir outros’. Mas Deus vai pedir contas a esta geração do sangue de todos os profetas, que foi derramado desde a criação do mundo.” Jesus relata uma afirmação da sabedoria de Deus; o curioso é que a frase citada não se encontra nem no Antigo Testamento nem nos outros escritos do tempo. Pode ser visto como um convite a identificar o próprio Jesus como essa sabedoria personificada.

Jesus prediz então a morte de alguns dos Seus missionários, incluindo a Sua própria. Mas essas mortes, diz o Senhor, não serão esquecidas, nem ficarão impunes; pelo contrário, a responsabilidade e as consequências dos danos causados devem ser assumidas. Como diria anos mais tarde Santo Inácio de Antioquia: “Eu sou o trigo de Deus: é preciso que ele seja triturado pelos dentes das feras a fim de ser considerado puro pão de Cristo.” A justiça divina, que transforma o mal em bem, alcançará todos os actos de perseguição e de assassínio cometidos ao longo da história.

Deste modo, Jesus faz-nos ver uma relação entre o comportamento do povo de Israel, que rejeita os profetas e os mensageiros de Deus, e o que Lhe acontecerá a Ele em Jerusalém, depois aos Seus apóstolos e, mais tarde, a tantos missionários no mundo, até hoje.

“Ai de vós, doutores da lei, porque tirastes a chave da ciência.” Jesus, em nome de Deus, exprime a Sua indignação profética contra este grupo de fariseus, porque o seu comportamento revela uma interpretação errada da lei, e tudo isto apesar do facto de o seu papel no meio do povo ser precisamente o de guias, e, no entanto, eles revelaram-se como líderes corrompidos para aqueles que os escutavam. Tinham “a chave da porta da ciência”, mas parece que não entraram nem tenham deixado entrar ninguém.

Nós, missionários, não podemos ficar com o que recebemos porque, como ouvimos na *Carta aos Efésios*: “Segundo a riqueza da Sua graça, que Ele nos concedeu em abundância, com plena sabedoria e inteligência. Ele deu-nos a conhecer o mistério da Sua vontade.”

“Quando Jesus saiu dali, os escribas e os fariseus começaram a persegui-l’O terrivelmente e a provocá-l’O com perguntas sobre muitas coisas, armando-Lhe ciladas, para O surpreenderem nalguma palavra da sua boca.”

Tudo acaba em hostilidade aberta. Jesus, que é claramente amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores, dos proscritos, dos impuros, não se recusa a comer com um homem que pertence a um dos grupos mais intransigentes na interpretação da lei. No entanto, faz-lhes ver como se desviaram. Construíram uma religião de boas práticas, mas sem alma libertadora, e refugiaram-se num compromisso exterior formal e inflexível, mas sem misericórdia nem compaixão. Assim, sufocaram o Espírito que sopra onde quer, transformando a religião num escrupuloso aparelho de prescrições. Perderam o núcleo da sua missão, que é explicar e interpretar as Escrituras. Mostraram-se maus mestres, incapazes de compreender o sentido das próprias Escrituras e de transmitir aos outros o desígnio do amor de Deus nelas revelado, pelo menos de reconhecer o Enviado do Pai, Jesus de Nazaré, e afastaram-se do desígnio projectado por Deus que, como diz S. Paulo, é “instaurar todas as coisas em Cristo, tudo o que há nos Céus e na terra” (*Ef 1, 10*).

=====

Sexta-feira, 18 de Outubro de 2024

XXVIII Semana do Tempo Comum – Ano B

Festa de São Lucas, Evangelista

2 *Tm* 4, 10-17b; *Sal* 144; *Lc* 10, 1-9

Celebramos hoje a festa de São Lucas, evangelista, a quem é atribuído o Evangelho que nos tem acompanhado quase constantemente nestes últimos dias. É importante recordar que, nos dois livros dedicados a Teófilo (*theo-philos*: amigo de Deus), Lucas articula as duas partes da mesma obra sobre a Ascensão de Jesus (*Lc* 24, 50-53; *Heb* 1, 6-11). A ascensão significa simultaneamente o culminar do reinado de Jesus e o envio missionário dos discípulos “até aos confins da terra”. A redacção do Evangelho (e dos *Actos dos Apóstolos*) é uma forma concreta de missão.

Com base no texto evangélico de hoje, destacaremos a série de sete imperativos de um missionário (na verdade, teríamos dez se acrescentássemos os três que aparecem nos versículos 10-12, que não leremos hoje). Deste modo, compreenderemos um pouco melhor a figura do missionário e compreender-nos-emos também a nós próprios como discípulos missionários. Vejamos:

– **“Pedi”** (*Lc* 10, 2). O missionário é, antes de mais, uma pessoa que reza. Como acontece desde o Pentecostes, e como é confirmado em *Actos* 13, 1-3, a missão começa com uma comunidade que reza e se reveste do Espírito para enviar aqueles que o Senhor escolhe de entre eles. No entanto, os 72 aperceberam-se de que, embora aparentemente fossem muitos, na realidade não eram suficientes: “os trabalhadores são poucos”.

– **“Ide”** (*Lc* 10, 3). A atitude é a de estar sempre “em caminho”. O missionário tem consciência de entrar num mundo cheio de perigos, que a sua vida estará sempre ameaçada: “como cordeiros para o meio de lobos”. O missionário não subjuga os outros, é um homem de paz. Como recorda o Papa Francisco na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* deste ano de 2024: “Ao proclamar ao mundo «a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado» (Exortação Apostólica. *Evangelii gaudium*, 36), os discípulos-missionários fazem-no com alegria, magnanimidade, benevolência, que são fruto do Espírito Santo neles (cf. *Gal* 5, 22); sem imposição, coerção nem proselitismo; mas sempre com proximidade, compaixão e ternura, que reflectem o modo de ser e agir de Deus.”

– **“Não leveis...”** (*Lc* 10, 4a). O missionário viaja desapegado de tudo. Há quatro coisas que são necessárias para uma viagem e ele desprende-se delas: dinheiro, uma mochila para o lanche e uma muda de roupa, e sandálias para as longas caminhadas em terrenos pedregosos. Isto não significa que ele fique “sem rede”, a sua segurança reside na sua fé em Deus que não o abandona e que, como Pai, provê às suas necessidades. Isto é tão real que, quando Jesus lhes pergunta: “Quando vos enviei sem saca, sem bolsa e sem sandálias, faltou-vos alguma coisa?”. Eles disseram: «Nada»” (*Lc* 22, 35).

Uma certeza que também foi sentida por Paulo e que é recordada na primeira leitura de hoje: “O Senhor esteve a meu lado e deu-me força, para que, por meu intermédio, a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada e todos os pagãos a ouvissem” (2 *Tm* 4, 10).

– **“Não vos demoreis a saudar alguém pelo caminho”** (*Lc* 10, 4b), indica que o missionário viaja com liberdade, nada e ninguém o deve distrair de responder à urgência da missão.

– **“Dizei”** (*Lc* 10, 5). O anúncio do Evangelho começa com a saudação da paz: “*Shalom leká*” (cf. *Jo* 6, 23; *Lc* 24, 36). Não se trata de um formalismo vazio, mas de um dom que pode ser aceite ou rejeitado. Este dom, que os “amantes da paz” sabem acolher, está ligado à vinda da salvação. Esta

paz é o dom pascal de Cristo (*Lc 24, 36*; ver também *2, 14.29; 19, 42; Act 10, 36*). Um dom é recebido só por aqueles que estão abertos a ele.

“O anúncio do Evangelho começa sempre com a saudação de paz; e a paz coroa e cimenta em cada momento as relações entre os discípulos. A paz é possível, porque o Senhor venceu o mundo e a sua permanente conflitualidade, «pacificando pelo sangue da Sua cruz (*Col 1, 20*)” (*EG, 229*).

– “**Ficai**” (*Lc 10, 7*). O missionário não vai em busca de conforto, por isso é aconselhado a não andar de casa em casa, mas a ficar (*Lc 10, 7*) e a comer e a beber do que há (*Lc 10, 8b*). “Ficar” significa entrar profundamente na realidade e no tecido relacional da casa que se está a evangelizar, para que o Reino de Deus possa penetrar a partir de dentro (como fez Jesus com os discípulos de Emaús: “Fica connosco... entrou para permanecer com eles”, *Lc 24, 29*; ou como fez Paulo em casa de Lídia, *Act 16, 15*). O missionário deve saber aceitar a hospitalidade, que para ele é sinal do amor de um Deus que dá. É preciso não só saber dar, mas também saber receber.

– “**Curai**” (*Lc 10, 9a*). A acção precede a palavra. O missionário exprime-se primeiro com actos e depois com palavras que ajudam a compreender o que aconteceu. No *Evangelho de Lucas* há muitas curas que tornam visível o Reino (cf. *11, 20*). Nelas podia ver-se a vinda do Messias. Agora Jesus confia esta tarefa aos Seus missionários.

– “**Dizei**” (*Lc 10, 9b*). Tal como Jesus itinerante anuncia por toda a parte “a boa nova do Reino de Deus” (*Lc 4, 43*), o missionário é arauto e testemunha da entrada definitiva de Deus na história. Também a missão silenciosa das obras tem necessidade da palavra, como dizia João Paulo II: “Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor. O Concílio Vaticano II e o Magistério posterior, refutando certa confusão sobre a verdadeira natureza da missão da Igreja, tem repetidamente sublinhado a primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização” (*Ecclesia in Asia, 19*).

Recordemos que o Evangelho é o maior dom que nós, cristãos, temos. Por isso, devemos partilhá-lo com todos os homens e mulheres que procuram uma razão para viver.

Bendigamos o Senhor através do evangelista Lucas.

“Esta é a nova aliança que Deus fez com Lucas (cf. *Jer 31, 31*).
Pôs no seu coração a Palavra viva e eterna (*Jer 31, 33*).
Separou-o dos gregos para que ele fosse e desse fruto (cf. *Jo 15, 16*).
Lucas, o médico predilecto (cf. *Col 4, 14*),
o irmão louvado por todas as Igrejas
pelo seu anúncio do Evangelho (cf. *2 Cor 8, 18*).
Judeu ou grego, já não há distinção,
porque a Escritura diz: “Quem acredita n'Ele não será envergonhado”.
Ele próprio é o Senhor de todos, rico para todos os que O invocam.
Ele veio procurar e salvar o que estava perdido (cf. *Lc 19, 10*).
Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul,
para participarem no banquete do Reino dos Céus (cf. *Lc 13, 29*)”.

(Preparado pelo Mosteiro Apostólico de Piedra Blanca)

=====

Sábado, 19 de Outubro de 2024

XXVIII Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória dos Santos João de Brébeuf e Isaac Jogues, sacerdotes, e companheiros, mártires
Ef 1, 15-23; Sal 8; Lc 12, 8-12

Depois do discurso contra os fariseus e os rabinos, Lucas dá-nos uma instrução sobre o comportamento correcto dos discípulos no mundo.

Para compreender melhor o Evangelho de hoje, é útil situarmo-nos no contexto. Os discípulos, conhecidos como “amigos de Jesus”, vão em breve ser perseguidos. Mas não precisam de ter medo de nada, nem dos inimigos nem do martírio, a não ser de Deus: “Não tenhais medo de.... não deveis ter medo de...” (Lc 12, 4-5), “nem um deles fica esquecido diante de Deus” (Lc 12, 6).

“A todo aquele que Me tiver reconhecido diante dos homens também o Filho do homem o reconhecerá diante dos Anjos de Deus. Mas quem Me tiver negado diante dos homens será negado diante dos Anjos de Deus.”

Deus não abandonará os Seus discípulos perante a perseguição. Esta convicção é sublinhada na passagem que lemos hoje:

1. O Pai Criador sustentá-los-á, tal como cuida da vida dos seus pardais (12, 6-7);
2. O Filho sustentá-los-á na hora do juízo final (12, 8-9);
3. O Espírito Santo ajudá-los-á, pondo nos seus lábios as palavras de que necessitarão quando forem interrogados perante o tribunal (12, 11-12).

Só há um “mas”: se Deus Se compromete com o discípulo perseguido, o discípulo deve também estar suficientemente comprometido para não recuar: deve “reconhecer” e não “negar” que é amigo de Jesus (12, 8-9).

Por outro lado, quem vê no Jesus terreno apenas um homem e ofende o “Filho do Homem” (= Messias) pode ser perdoado: “Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado” (Lc 12, 10a); cf., por exemplo, o relato da Paixão: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”; Lc 23, 34).

O problema grave é fechar-se definitivamente à acção do Espírito Santo manifestada em Jesus e nos discípulos e perder-se para sempre: “Quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado” (Lc 12, 10b).

Através da profissão de fé dos discípulos, o Espírito Santo testemunhará sempre Jesus ressuscitado, levantado pelo Pai das profundezas da morte, e conduzirá cada pessoa à salvação. É o Espírito Santo que dá a cada um o poder de se arrepender e de perdoar (cf. Act 2, 32-41; 3, 12-26 e 5, 30-32).

Vejamos a consequência para o perseguidor: precisamente porque o Espírito Santo actua através do anúncio apostólico de Jesus, aquele que rejeita o “testemunho” dos discípulos não pode ser perdoado, porque desprezou a possibilidade do perdão. Trata-se de uma “blasfémia contra o Espírito Santo”, que faz dele um “adversário de Deus” (cf. Act 5, 39).

Devemos rezar, como São Paulo, para que o anúncio seja acolhido como é, e que “Ele ilumine os olhos do vosso coração, para compreenderdes a esperança a que fostes chamados, os tesouros de glória da sua herança entre os santos e a incomensurável grandeza do seu poder para nós os crentes. Assim o mostra a eficácia da poderosa força que exerceu em Cristo.”

=====

Domingo, 20 de Outubro de 2024

XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B

Dia Mundial das Missões

Is 53, 2.3.10-11; *Sal* 32; *Heb* 4, 14-16; *Mc* 10, 35-45

O tema escolhido pelo Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões é: “Ide e convidai a todos para o banquete” (cf. *Mt* 22, 9). O banquete é o das núpcias do Filho, d’Aquele que vem para desposar toda a humanidade e que, por isso, quer convidar a todos para o banquete nupcial. Ele

diz: “Bebereis o cálice que Eu vou beber e sereis batizados com o batismo com que Eu vou ser batizado.” O que é este batismo para Jesus senão mergulhar na nossa humanidade desde o nascimento até à Sua paixão e morte, quando dará a Sua vida por muitos? O Esposo foi provado em todos os sentidos e oferece-nos um amor de compaixão, de misericórdia e de libertação (Salmo do dia). Mas, sobretudo, oferece-nos em troca a Sua vida: que maior graça, que maior dom haverá! Somos convidados para um casamento sublime, maravilhoso, misericordioso (segunda leitura)!

O Esposo fala de servir-nos, o que não faz parte dos nossos hábitos nupciais. Ele é o servo que foi esmagado pelo sofrimento e que vai reclamar a multidão dos Seus irmãos e irmãs em humanidade (primeira leitura). Assim, no menu do banquete, Ele oferece-Se para nos servir a salvação, nada menos. O Seu sacrifício, oferecido na Sagrada Eucaristia, é uma graça que cura a nossa humanidade ferida. Sim, esperamos d’Ele a nossa vida nova, canta o Salmo, que o Seu amor esteja sobre nós, Ele é a nossa esperança. Convidemos a todos para o banquete da Eucaristia, para as núpcias do Cordeiro: esta é a nossa missão universal, *ad gentes*, a todos os povos. Na sua mensagem para hoje, o Papa Francisco diz-nos: “Enquanto o mundo propõe os vários «banquetes» do consumismo, do bem-estar egoísta, da acumulação, do individualismo, o Evangelho chama a todos para o banquete divino onde reinam a alegria, a partilha, a justiça, a fraternidade, na comunhão com Deus e com os outros. Temos esta plenitude de vida, dom de Cristo, antecipada já agora no banquete da Eucaristia, que a Igreja celebra por mandato do Senhor e em Sua memória. Por isso o convite ao banquete escatológico, que levamos a todos na missão evangelizadora, está intrinsecamente ligado ao convite para a mesa eucarística, onde o Senhor nos alimenta com a Sua Palavra e com o Seu Corpo e Sangue” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*).

Olhemos para a vida de uma mulher batizada para ver o que significa receber a graça de servir os nossos entes queridos, até ao ponto de beber o cálice do sofrimento e do sacrifício. O Papa Francisco dá-nos o exemplo de Josefina Bakhita, do Sudão: “Nascida no Darfur – o martirizado Darfur! – em 1869, foi raptada da sua família com sete anos e feita escrava. [...] Teve oito donos, um vendia-a a outro. Os sofrimentos físicos e morais que padeceu na infância deixaram-na sem identidade. Sofreu maldades e violências: no seu corpo trazia mais de cem cicatrizes. Mas ela própria testemunhou: “Como escrava, nunca desesperei, porque sentia uma força misteriosa que me sustentava”. [...] Qual é o segredo de Santa Bakhita? Sabemos que muitas vezes a pessoa ferida, por sua vez, fere; o oprimido torna-se facilmente opressor. No entanto, a vocação dos oprimidos é libertar-se a si próprios e aos seus opressores, tornando-se restauradores de humanidade. Só na debilidade dos oprimidos se pode revelar a força do amor de Deus, que liberta ambos. Santa Bakhita exprime muito bem esta verdade.

“Um dia, o seu tutor dá-lhe um pequeno crucifixo, e ela, que nunca tinha possuído nada, conserva-o ciosamente como um tesouro. Fitando-o, experimenta uma libertação interior, porque se *sente compreendida e amada e, portanto, capaz de compreender e amar*: este é o início. [...] Com efeito, dirá: “O amor de Deus sempre me acompanhou de modo misterioso... O Senhor amou-me tanto: é preciso amar todos... É preciso compadecer-se!”. Esta é a alma de Bakhita! Na verdade, *compadecer* significa tanto *padeecer com* as vítimas de tanta desumanidade presente no mundo, como também *compadecer-se* de quem comete erros e injustiças, não justificando, mas humanizando. Esta é a carícia que ela nos ensina: humanizar! Quando entramos na lógica da luta, da divisão entre nós, dos maus sentimentos, uns contra os outros, perdemos a humanidade. E muitas vezes pensamos que precisamos de humanidade, que devemos ser mais humanos. E esta é a tarefa que Santa Bakhita nos ensina: humanizar, humanizar-nos a nós mesmos e humanizar os outros.

“Santa Bakhita, que se tornou cristã, é transformada pelas palavras de Cristo, que meditava diariamente: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!» (Lc 23, 34). [...] Podemos dizer que a vida de Santa Bakhita se tornou uma *parábola existencial do perdão*. Como é bom dizer de uma pessoa: “Foi capaz, foi sempre capaz de perdoar”. [...] O perdão libertou-a. O perdão recebido, primeiro através do amor misericordioso de Deus, e depois o perdão oferecido, fizeram dela uma mulher livre, alegre, capaz de amar.

“Bakhita pôde viver o serviço não como escravatura, mas como expressão do dom livre de si. E isto é muito importante: fez-se voluntariamente serva – foi vendida como escrava – e em seguida escolheu livremente fazer-se serva, carregar sobre os seus ombros os fardos dos outros!” (Catequese 22. *A paixão pela evangelização*).

Por fim, o apelo a beber o cálice e a dar a vida pode convidar os discípulos missionários a dar a vida por Cristo. São alimentados no banquete da Eucaristia e chamados a conformar a sua vida a este mistério de amor nupcial. Porque Jesus deu a Sua vida por nós, eles podem dar a sua vida por amor a Ele e aos seus entes queridos. Eis como explica o Papa Francisco, inspirado no martírio de São Lourenço: “Santo Agostinho realça frequentemente esta dinâmica de gratidão e de reciprocidade gratuita do dom. Eis, por exemplo, o que ele pregava por ocasião da festa de São Lourenço: «São Lourenço era diácono da Igreja de Roma. Ali era ministro do sangue de Cristo e onde, pelo nome de Cristo, derramou o seu sangue. O beato apóstolo João expôs claramente o mistério da Ceia do Senhor, dizendo: “Cristo deu a Sua vida por nós. Também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1 Jo 3, 16). Irmãos, Lourenço compreendeu tudo isto. Compreendeu-o e pô-lo em prática. E retribuiu verdadeiramente o que tinha recebido naquela mesa. Amou Cristo na sua vida, imitou-o na sua morte» (Disc. 304, 14; PL 38, 1395-1397). Era assim que Santo Agostinho explicava o dinamismo espiritual que animava os mártires” (Catequese 11. *A paixão pela evangelização*).

O Concílio Vaticano II recorda-nos que “o martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor” (Const. *Lumen gentium*, 42). O Papa Francisco explica: “À imitação de Jesus e com a Sua graça, os mártires transformam a violência de quem rejeita o anúncio, em ocasião suprema de amor, que vai até ao perdão dos próprios algozes. Isto é interessante: os mártires perdoam sempre os algozes. Estêvão, o primeiro mártir, morreu rezando: “Senhor, perdoa-lhes, não sabem o que fazem!”. Os mártires rezam pelos algozes.

“Embora só alguns sejam chamados ao martírio «todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-l’O no caminho da cruz no meio das perseguições, que nunca faltarão à Igreja» (*ibid.*, 42). Mas, a perseguição é algo daquela época? Não, não: de hoje. Hoje há perseguições de cristãos no mundo, muitas, tantas! Há mais mártires hoje do que nos primeiros tempos. Os mártires mostram-nos que cada cristão é chamado ao testemunho da vida, até quando não chega à efusão do sangue, fazendo de si mesmo um dom a Deus e aos irmãos, à imitação de Jesus” (Catequese 11).

Neste Dia Mundial das Missões, respondamos ao apelo a todos os batizados para servir e dar a vida. Convidamos todos a descobrir a riqueza da nossa espiritualidade cristã e do nosso banquete eucarístico, onde Jesus dá a sua vida por nós e nos dá a graça de fazer o mesmo pelos outros. Rezemos pela grande missão universal dos batizados e apoiemo-la concretamente através da nossa oferta, inteiramente dedicada à Propagação da Fé, a Obra pontifícia que ajuda as jovens Igrejas. Permaneçamos firmes na afirmação da nossa fé, que tem como modelo o Servo e Sumo Sacerdote Jesus, que hoje dá de novo a Sua vida no banquete da Sua Eucaristia. Convidemos todos para este banquete do verdadeiro alimento, o pão da vida eterna!

Por fim, mesmo que sejamos tentados a ficar no banquete, a ficar com Jesus, há sempre o apelo à missão. Ide, diz Cristo. “Mas de igual modo *não há estar sem ir*. Na realidade, seguir Cristo não é algo intimista: sem anúncio, sem serviço, sem missão, a relação com Jesus não cresce. Observemos que no Evangelho o Senhor envia os discípulos antes de ter completado a Sua preparação: pouco depois de os ter chamado, já os envia! Isto significa que a experiência da missão faz parte da formação cristã. Então, recordemos estes dois momentos constitutivos para cada discípulo: estar com Jesus e ir, envidados por Jesus” (Catequese 4).

Porquê convidar, porquê anunciar este banquete a todos? O Papa Francisco continua: “*Porquê* anunciar. A motivação está em cinco palavras de Jesus, que nos fará bem recordar:

«Recebestes de graça, dai de graça!» (v. 8). São cinco palavras. Mas porquê anunciar? Porque recebi de graça e devo dar de graça. O anúncio não começa por nós, mas pela beleza do que recebemos de graça, sem mérito: encontrar Jesus, conhecê-lo, descobrir que somos amados e salvos. É um dom tão grande que não podemos guardá-lo para nós, sentimos a necessidade de o irradiar; mas com o mesmo estilo, ou seja, na gratuidade. Em síntese: temos um dom, por isso somos chamados a fazer-nos dom; recebemos um dom e a nossa vocação consiste em nos tornarmos dom para os outros; em nós há a alegria de ser filhos de Deus, e ela deve ser partilhada com os irmãos e irmãs que ainda não o conhecem! Esta é a razão do anúncio. Ir e anunciar a alegria daquilo que recebemos” (Catequese 4. *A paixão pela evangelização*).

=====

Segunda-feira, 21 de Outubro de 2024

XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 2, 1-10; Sal 99; Lc 12, 13-21

Estamos na Semana Missionária e os ensinamentos de Jesus continuam a iluminar o nosso ser e agir como discípulos missionários. Os textos de hoje, convidam-nos a abandonar “o modo de ser deste mundo”, que nos submetia “aos desejos da nossa carne, satisfazendo os caprichos dos instintos e da imaginação” e convidam-nos a aceitar Cristo e “a abundante riqueza da Sua graça e da Sua bondade para conosco, em Jesus Cristo.” (primeira leitura). O episódio evangélico é uma excelente ocasião para Jesus nos reorientar segundo os critérios que emanam da misericórdia e do amor manifestados por Deus em Cristo.

No Evangelho, uma pessoa na rua aproxima-se de Jesus para Lhe pedir que medeie um conflito familiar. É o irmão mais novo que reclama a herança que lhe pertence ao irmão mais velho que parece tê-la tomado (cf. *Lc 12, 13*).

Jesus recusa-Se a intervir na disputa (cf. *Lc 12, 14*). Com as Suas palavras, dá a entender que não Lhe foi conferido o poder judicial para resolver a questão, mas sobretudo tem outro argumento que já tinha aparecido no debate com os fariseus: “Vede bem, guardai-vos de toda a avareza” (*Lc 12, 15*; cf. *Lc 11, 39*). A cobiça é um indicador de que se vive segundo “o modo de ser deste mundo”. Além disso, como diz São Paulo, “a cobiça do dinheiro é a raiz de todos os males” (*1 Tm 6, 10*).

A cobiça, o amor ao dinheiro, exprime-se no desejo, por vezes compulsivo, de encher-se de coisas, de viver na abundância dos bens (*Lc 12, 15b*). É aqui que entra em jogo o tema da “vida”. O que é que “assegura” a vida, ou seja, o que é que lhe dá conteúdo, alegria, plenitude, o que é que a sustenta aqui e o que é que nos dá segurança no fim, após a morte biológica?

O rico insensato da parábola é um homem que deseja ardentemente “viver”, mas que, na realidade, vai na direcção oposta às suas intenções: vai para a ruína.

O homem rico pensa que está a fazer um exercício inteligente quando pensa no que fazer para preservar a sua colheita e ter uma vida segura para o futuro: demolir, construir, armazenar tudo o que tem e viver uma boa vida, seguro de que tem boas reservas. Este é um exercício de planeamento empresarial sustentável. Mas o homem que se julgava esperto na gestão dos seus recursos acabou por fazer uma loucura: esqueceu-se de que a sua vida é um dom e que a “vida boa” é um dom que vem de Deus e não dos bens acumulados.

Os critérios de Deus são diferentes:

- Os bens não são para uma só pessoa, mas para serem partilhados. É necessário superar a “avareza”.
- Os bens materiais não “asseguram” a vida; só Deus a pode dar e conservar.
- A vida terrena é limitada e finita, por isso Deus “restituiu-nos à vida com Cristo e com Ele nos ressuscitou e com Ele nos fez sentar nos Céus”. O planeamento mais inteligente que podemos fazer é o do nosso futuro na eternidade de Deus.

O bom discípulo é aquele que se enriquece diante de Deus (12, 21), reconhecendo os bens materiais como necessários, mas relativos ao destino último da vida. Tudo é um dom de Deus. Por isso, tornamo-nos ricos “dando”, mesmo “dando na nossa pobreza”, e “fazendo o bem que Deus nos mandou fazer”. Deste modo, o nosso coração torna-se semelhante ao de Deus, com quem queremos viver em comunhão eterna.

=====

Terça-feira, 22 de Outubro de 2024

XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 2, 12-22; Sal 84; Lc 12, 35-38

Até aos últimos dias da sua vida terrena, João Paulo II nunca deixou de anunciar com zelo e determinação a Boa Nova de Nosso Senhor Jesus Cristo, plenamente convencido de que Cristo “Cristo veio anunciar a boa nova da paz, paz para vós, que estáveis longe, e paz para aqueles que estavam perto. Por Ele, uns e outros, podemos aproximar-nos do Pai, num só Espírito.”

As palavras inaugurais de João Paulo II como Pontífice continuam a ressoar em nós: “Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo!” Mesmo diante da morte, ele rezou a Deus para que a “sua Páscoa” fosse útil ao povo de Deus, a “mais importante causa à qual procuro servir: a salvação dos homens, a salvaguarda da família humana, e nela de todas as nações e dos povos [...], útil para as pessoas que de modo particular me confiou, para a questão da Igreja, para a glória do próprio Deus.” (*Testamento do Santo Padre João Paulo II*).

Poderíamos dizer que, na pessoa de São João Paulo II, podemos contemplar aqueles “felizes [...] que o senhor, ao chegar, encontrar vigilantes”.

O bom discípulo tem os olhos fixos na meta. Com o coração voltado para Deus (*Lc 12, 22-32*) e no exercício da caridade (*Lc 12, 33-34*), ele caminha para a plenitude com “os rins cingidos e as lâmpadas acesas” (12, 35) no presente.

A parábola dos “servos vigilantes” que hoje lemos apresenta o discípulo como um “servo” que sabe esperar a vinda do seu “senhor”. Esta parábola apresenta dois momentos:

Dos servos ao senhor

Segundo a primeira parte da parábola (12, 35-36), a espera do Senhor faz-se com “os rins cingidos e as lâmpadas acesas”.

– **Os rins cingidos** (túnica presa na cintura). Normalmente, andava-se em casa com uma túnica larga, sem cinto; é o equivalente a usar roupa cómoda. Por outro lado, “cingir-se” era próprio de quem estava pronto para o trabalho ou para a viagem, como em *Ex 12,11*; recordamos também que Jesus se “cingiu” para servir na Última Ceia.

– **As lâmpadas acesas**. As lâmpadas da casa eram apagadas quando a família se deitava. Por isso, “as lâmpadas acesas” são um sinal de actividade na casa. Para *Mateus 5, 16*, essas lâmpadas são as “boas obras” e o seu brilho evangeliza.

Com estas duas imagens, Jesus ensina que o discípulo que sabe viver “na expectativa” é aquele que sabe “vigiar”. A vigilância é o contrário de adormecer ou de entrar numa situação de repouso. O Evangelho não permite a desatenção, não deixa espaço para a preguiça, não tem descanso. Estar “vigilante” é estar sempre pronto para a acção, é estar sempre apto a viver as exigências do Evangelho (“rins cingidos”) e a irradiá-las para os outros irmãos (“lâmpadas acesas”).

Do Senhor aos Seus servos

A segunda parte da parábola (12, 37-38) refere-se à recompensa dos que estão “vigilantes” (12, 37) e “preparados” (12, 38). A sua recompensa é descrita com a definição mais elevada dada no Evangelho: “Felizes”. Isto significa que, na atitude de espera, de abertura ao futuro de Deus, cada um experimenta a sua verdadeira felicidade. E a esta qualificação, que enobrece o presente, segue-se um dom ainda maior no futuro: Jesus será um servo, isto é, oferecer-nos-á todos os dons do Seu serviço durante o Seu ministério.

A referência às diferentes horas da noite recorda-nos a importância da perseverança. É fácil e comum cansarmo-nos nesta viagem, por isso: “Felizes esses servos, que o senhor, ao chegar, encontrar vigilantes.”

=====

Quarta-feira, 23 de Outubro de 2024
XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B
Ef 3, 2-12; Is 12; Lc 12, 39-48

A última frase do Evangelho de hoje pode chamar a nossa atenção: “A quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá.” O que é que nós temos sem que o tenhamos recebido do Senhor? Não temos nada. Tudo vem do Senhor: os nossos pais, a nossa vida, o que adquirimos durante a nossa vida, a educação, a formação, os bens materiais e espirituais e, evidentemente, aquilo em que cada um de nós se tornou. A questão é: o que é que temos feito com tudo o que recebemos?

Jesus pede-nos que não imitemos o servo que não se preocupa com o regresso do seu Senhor. Ouçamos mais uma vez: “Mas se aquele servo disser consigo mesmo: ‘O meu senhor tarda em vir’; e começar a bater em servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que menos espera e a horas que ele não sabe; ele o expulsará e fará que tenha a sorte dos infieis.” É certo que podemos pensar no fim do mundo, mas é todos os dias que o Senhor vem ao nosso encontro, nos interpela e nos pergunta se ainda estamos ao serviço. Estamos ao serviço de Deus, da Igreja, dos nossos irmãos e irmãs?

Nos relatos e discursos evangélicos, não encontramos qualquer convite ao trabalho ou instruções sobre o trabalho. Mas diz-se que Jesus era um “artesão” (*Mc 6, 3*), filho de um artesão (*Mt 13, 55*). Os Seus primeiros discípulos eram pescadores (*Mt 1, 16-20*), um deles era cobrador de impostos (*Mt 2, 14*). Passa-se de um ofício aprendido com o pai, cuja função é garantir a subsistência da família, para um ofício suscitado por uma “vocação” carismática, promovida por Deus ou por um dos Seus porta-vozes, para criar uma nova actividade para o bem da multidão, à semelhança de Moisés, David e outros líderes de Israel. Pensemos em Eliseu e Amós, agricultores ou criadores de gado, que se tornaram profetas. Os apóstolos, por exemplo, mudaram a sua vida profissional graças ao encontro com Jesus, o Cristo. Não se trata de uma espécie de promoção, segundo os padrões humanos. É antes um chamamento a tornar-se “servos” do Senhor para um trabalho de carácter espiritual, que implicará perseguições (*Mt 5, 11-12*), humilhações (*Mt 23, 11-12*) e até o dom da vida (*Mt 16, 25; 23, 34-35*).

Nas parábolas, são mencionados vários tipos de trabalho: o sementeiro (*Mt 13, 3*), o operário (*Mt 20, 1*), o negociante de pérolas (*Mt 13, 45*), o porteiro (*Mt 24, 45*), o administrador (*Lc 16, 1*), mas também a dona de casa que amassa a farinha (*Mt 13, 33*). Há um convite a amar a seriedade no trabalho, a ter cuidado e sabedoria, qualidades que tornam o servo digno de confiança (*Mt 8, 9; 24, 45; 25, 21*). O sentimento de confiança num resultado seguro, fruto de um trabalho bem feito, é também encorajado (*Mt 7, 24-25; 24, 46; 25, 29*). Não há mérito em ser digno de Deus, pois cada um deve considerar-se um “servo inútil”, contente por ter cumprido o seu dever (*Lc 17, 10*).

Devemos falar dos ministérios do ensino e da cura que os discípulos devem exercer seguindo Jesus (*Mt 9, 37-38; Jo 5, 17; 9, 4*)? Devemos comparar este trabalho com o do lavrador, do sementeiro, do ceifeiro, do pastor ou do pecador? Esse trabalho dá frutos, ou dá direito a um salário,

a uma recompensa pelo serviço prestado (*Mt 10, 10; 20, 2; Lc 10, 7*)? Será só uma metáfora? Os compromissos de carácter espiritual são apreciados. O Mestre orienta o desejo para recompensas celestes duradouras que nos encham de felicidade suprema. É preciso ultrapassar a crítica de Qohélet à vaidade da actividade humana. “Se alguém não quer trabalhar, também não coma” (*2 Ts 3, 10*). Este é o conselho do apóstolo Paulo. “Quem roubava não volte a roubar; esforce-se, antes, por trabalhar com as próprias mãos, fazendo o bem, para que tenha o que partilhar com quem passa necessidades” (*Ef 4, 28*). Não devemos apenas prover ao nosso sustento, mas também partilhar com os outros, especialmente com os mais desfavorecidos. A este respeito, Paulo apresenta-se como um exemplo a imitar. De facto, a obra de Cristo e dos discípulos imita a do próprio Deus (*Jo 4, 34; 5, 17; 17, 4*). Torna-se um modelo inspirador para todos os domínios e modalidades do trabalho humano, introduzindo o princípio do “serviço” (*Lc 22, 26-27; Jo 13, 13-17*), da “gratuidade” (*Mt 10, 8; 2 Cor 11, 7*), mas também da renúncia à acumulação de bens (*Mt 10, 10*). A generosidade é fortemente desejada, porque permite aos outros beneficiarem do fruto do próprio trabalho (*Mt 19, 21*). Esta partilha não é um sinal claro de amor?

O trabalho realizado como “serviço” (*diakonia*) e ordenado pelo Senhor produz frutos para todos (*1 Cor 9, 22*). Por isso, é importante ter colaboradores, bons colaboradores na preciosa tarefa de anunciar o Evangelho, que são, em última análise, “colaboradores de Deus” (*1 Cor 3, 9; Mc 16, 20*). O trabalho missionário pode ser comparado ao trabalho agrícola (*1 Cor 3, 5-9*) e/ou ao trabalho de construção (*1 Cor 3, 10.14*). Mas há que reconhecer que só Deus é que faz crescer a planta (*1 Cor 3, 7*). Só Cristo é o fundamento sólido do edifício que é a Igreja (*1 Cor 3, 11*).

Por isso, é importante dar graças ao Senhor quando o que fazemos tem êxito: “Dai graças ao Senhor, proclamai o Seu nome, proclamai entre os povos as Suas grandes obras! Repitamos: “Sublime é o Seu nome! Deus escolhe-nos para colaborar na Sua missão, na *Missio Dei*, mesmo que sejamos frágeis, pecadores e pequenos. Escutemos Paulo: “Deste Evangelho me tornei ministro, pelo dom da graça que Deus me concedeu pela força do Seu poder. A mim, o último de todos os santos, foi concedida a graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo.”

Agradeçamos, e que o Senhor continue a encher-nos com os Seus dons, com o Seu Espírito que fará de nós extraordinários operários e missionários, nas pegadas de Paulo, de Pedro, de João Paulo II, de Bento XVI, do Papa Francisco e de todas as testemunhas de Cristo Jesus.

=====

Quinta-feira, 24 de Outubro de 2024

XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B

Memória facultativa de Santo António Maria Claret, Bispo

Ef 3, 14-21; Sal 32; Lc 12, 49-53

Paulo, o missionário do mundo gentio, rezava sem cessar desde o seu cárcere pelas missões. Ele está firmemente convencido, e com razão, de que a oração é uma condição *sine qua non* para a realização das obras missionárias. Por isso é que as Obras Missionárias Pontifícias (OMP) pedem sempre, para além das ofertas materiais, que se reze também e sempre pelas missões.

Devemos, portanto, aprender com o exemplo de Santo António Maria Claret, “pai espiritual de Cuba”. Antes de embarcar na sua viagem missionária, fez três peregrinações a Nossa Senhora do Pilar, padroeira de Espanha, à Virgem de Montserrat, padroeira da Catalunha, e a Nossa Senhora de Fussimanya, perto da sua aldeia. Ao fazê-lo, preparou-se para “incendiar a terra” com o amor de Deus.

Nos seus passos, continuemos a confiar as missões ao Senhor, por intercessão de Maria, nossa Mãe. Amén.

=====

Sexta-feira, 25 de Outubro de 2024

XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 4, 1-6; Sal 23; Lc 12, 54-59

A missão continua indefinidamente. De facto, a inexistência de missões equivale à inexistência da Igreja, uma vez que esta, por sua natureza, é missionária (cf. AG, 2).

Esta afirmação é claramente demonstrada pelo testemunho dos primeiros apóstolos. Mesmo da sua prisão, São Paulo exorta os habitantes de Éfeso a permanecerem empenhados na vocação que receberam, comportando-se “segundo a maneira de viver a que fostes chamados”. Este compromisso torna-se necessário pelo facto de que ainda hoje, como recorda o Salmo Responsorial, há pessoas que procuram o Senhor.

No entanto, não se pode ignorar a necessidade de decifrar os sinais dos tempos, como adverte o Senhor no Evangelho. Rezemos, pois, para que o Espírito Santo nos guie por “caminhos novos” na difusão da Boa Nova. Amén.

=====

Sábado, 26 de Outubro de 2024

XXIX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 4,7-16; Sal 121; Lc 13, 1-9

A imagem da Igreja como um mosaico ou uma orquestra em que cada pessoa toca um instrumento diferente, mas produz uma melodia harmoniosa, é sempre fascinante. Ela mostra as diferentes abordagens da única missão. São Paulo, nas suas obras missionárias, sublinhou várias vezes esta realidade.

Na primeira leitura de hoje, recorda-nos que uns são apóstolos, outros profetas, outros evangelistas, outros pastores e mestres, mas todos são chamados a construir o corpo de Cristo – a Igreja.

Este mosaico (Igreja) é composto por bons e maus, pecadores e justos. No entanto, ela passa por uma purificação contínua através do arrependimento. Deus, que se revelou “compassivo e misericordioso” (cf. *Ex 34, 6*), convida-nos sempre, como diz o Senhor no Evangelho, ao arrependimento e à purificação ou a afinar a orquestra para produzir canções mais melodiosas. Assim, a Igreja passa do mau ao bom; do bom ao melhor e do melhor ao superlativo.

Que Maria, Rainha das Missões, continue a interceder por todos nós. Amén.

=====

Domingo, 27 de Outubro de 2024

XXX Semana do Tempo Comum – Ano B

Jer 31, 7-9; Sal 125; Heb 5, 1-6; Mc 10, 46-52

O grito da terra, sedenta de cura, de justiça, de partilha e de paz, ouve-se no grito do cego do Evangelho, que grita mais alto, duas vezes mais alto. Neste Mês Missionário, rezamos pela missão universal de anunciar ao mundo Jesus, fonte de vida e salvação para a humanidade. Depois, a convite de Deus, ouvimos um outro grito dos seus discípulos-missionários: “Gritai de alegria!” Apela à alegria e à fé: “Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te!” A Palavra de Jesus está a actuar em todo o mundo, onde quer que seja proclamada e acolhida. Ela pode curar e transformar a humanidade no meio de lágrimas e sofrimentos de toda a espécie. Ela reúne e forma um povo de todos os salvados!

O Papa Francisco recorda-nos o motivo do alegre anúncio exigido aos discípulos missionários: “E a razão? Uma boa notícia, uma surpresa, um acontecimento agradável? Muito mais, uma Pessoa: Jesus! Jesus é a alegria! Ele é o Deus que Se fez homem e que veio ao nosso encontro! Portanto, estimados irmãos e irmãs, a questão não é se O anunciar, mas como O anunciar, e este “como” é a alegria. Ou anunciamos Jesus com alegria, ou não o anunciamos. [...] Eis porque o cristão descontente, o cristão triste, o cristão insatisfeito ou, pior ainda, ressentido e rancoroso não é credível. Falará de Jesus, mas ninguém acreditará nele! [...] É essencial vigiar sobre os nossos sentimentos. A evangelização actua a gratuidade, porque vem da plenitude, não da pressão. E quando se pratica a evangelização – quer-se fazê-la, mas não assim – com base em ideologias, isso não é evangelizar, isso não é o Evangelho. O Evangelho não é uma ideologia: o Evangelho é um anúncio, um anúncio de alegria. As ideologias são frias, todas. O Evangelho tem o calor da alegria. As ideologias não sabem sorrir, o Evangelho é um sorriso, faz-nos sorrir porque toca a nossa alma com a Boa Nova” (Catequese 26. *A paixão pela evangelização*).

No actual contexto de secularização e num mundo tão ferido por guerras e divisões, respondamos sem demora ao convite do Pai que enviou o Seu Filho para nos salvar: “Ide e convidai a todos para o banquete!” (Mt 22, 9) Nós somos as testemunhas que encontraram o Filho que destruiu a morte e fez brilhar a vida. Somos alimentados no banquete que nos oferece a Sua presença e a Sua vida em abundância. No final de cada banquete, somos enviados em nome de Cristo: “Ide!”. Com a alegria de ter esta presença dentro de nós, pomo-nos a caminho para sermos os Seus arautos neste mundo que espera luz e esperança.”

O Papa Francisco prossegue: “A alegria de ter Jesus ressuscitado. O encontro com Jesus traz-nos sempre alegria, e se isto não nos acontece, não é um verdadeiro encontro com Jesus. [...] Com efeito, imersos no clima frenético e confuso de hoje, também nós poderíamos encontrar-nos a viver a fé com um leve sentido de renúncia, persuadidos de que para o Evangelho já não há escuta e que não vale mais a pena esforçar-se para o anunciar. Poderíamos até ser tentados pela ideia de deixar que “os outros” sigam o próprio caminho. Pelo contrário, precisamente este é o momento de voltar ao Evangelho para descobrir que Cristo «é sempre jovem e fonte constante de novidades» (*Evangelii gaudium*, 11).”

“Assim, como os dois de Emaús, volta-se à vida de todos os dias com o ímpeto de quem encontrou um tesouro: aqueles dois eram jubilosos, porque tinham encontrado Jesus, e isto mudou a vida deles. E descobre-se que a humanidade está repleta de irmãos e irmãs que aguardam uma palavra de esperança. O Evangelho é esperado até hoje: o homem de hoje é como o homem de todos os tempos, precisa dele, inclusive a civilização da incredulidade programada e da secularidade institucionalizada; aliás, sobretudo a sociedade que deixa vazios os espaços do sentido religioso, precisa de Jesus. Este é o momento favorável para o anúncio de Jesus. Por isso, gostaria de dizer novamente a todos: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, a alegria nasce e renasce sem cessar» (*ibid.*, 1). Não nos esqueçamos disto” (Catequese 26. *A paixão pela evangelização*).

Perante as maravilhas que Deus Pai realizou nas nossas vidas, este Mês Missionário, que está a chegar ao fim, recorda-nos a nossa missão de anunciar e testemunhar Jesus. “Assim, sintamos dirigido também a nós o convite para ser pescadores de homens: sintamo-nos chamados por Jesus pessoalmente para anunciar a Sua Palavra, testemunhá-la nas situações de cada dia, vivê-la na justiça e na caridade, chamados «encarná-la» acarinhando a carne de quem sofre. Esta é a nossa missão: sair à procura de quem está perdido, de quem está oprimido e desanimado, para lhes levar, não nós mesmos, mas a consolação da Palavra, o anúncio desinquietador de Deus que transforma a vida, para lhes levar a alegria de saber que Ele é Pai e fala a cada um, levar a beleza de dizer: «Irmão, irmã, Deus aproximou-Se de ti, escuta-O e, na Sua Palavra, encontrarás um dom estupendo!» (Papa Francisco, *Homília*, Domingo da Palavra de Deus, 22 de Janeiro de 2023).

Nestes últimos dias do Mês Missionário, recordando o tema, *Convidai a todos*, eis uma mensagem clara para todos os discípulos-missionários: “Os discípulos-missionários de Cristo trazem sempre

no coração a preocupação por todas as pessoas, independentemente da sua condição social e mesmo moral. A parábola do banquete diz-nos que, seguindo a recomendação do rei, os servos reuniram «todos aqueles que encontraram, maus e bons» (Mt 22, 10). Além disso, os convidados especiais do rei são precisamente «os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos» (Lc 14, 21), isto é, os últimos e os marginalizados da sociedade. Assim, o banquete nupcial do Filho, que Deus preparou, permanece para sempre aberto a todos, porque grande e incondicional é o Seu amor por cada um de nós. «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16). Toda a gente, cada homem e cada mulher, é destinatário do convite de Deus para participar na Sua graça que transforma e salva. Basta apenas dizer «sim» a este dom divino gratuito, acolhendo-o e deixando-se transformar por ele, como se se revestisse com um «traje nupcial» (cf. Mt 22, 12) (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2024*).

=====

Segunda-feira, 28 de Outubro de 2024

Festa dos Apóstolos Simão e Judas

Ef 2, 19-22; Sal 18; Lc 6, 12-16

“A Sua mensagem ressoou por toda a terra” resume os actos heróicos dos Apóstolos e dos primeiros cristãos na sua acção missionária. Hoje celebramos dois destes grandes homens: São Simão e São Judas, que deram a vida pela difusão do Evangelho.

Sobre o grande empreendimento missionário, o Apóstolo dos gentios, São Paulo, diz-nos: “Já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (*Ef 2, 19*). É um apelo à “comunhão, participação e missão”, como sublinha o caminho sinodal que a Igreja está a percorrer. É também um apelo ao tema missionário dos baptizados e dos enviados, no qual todos os baptizados são chamados pelo nome pelo Senhor e enviados a trabalhar na Sua vinha. Não podemos, por isso, permanecer inertes ou inactivos neste grande empreendimento.

Por intercessão dos Santos Simão e Judas, digamos continuamente “sim” ao chamamento do Senhor para difundir a Boa Nova até aos confins da terra, através das nossas palavras, mas sobretudo através das nossas obras. Amén.

=====

Terça-feira, 29 de Outubro de 2024

XXX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 5, 21-33; Sal 127; Lc 13, 18-21

A parábola do grão de mostarda e do fermento são duas parábolas que mostram como a missão (o Reino) progride lentamente, mas seguramente sob a providência de Deus. Faz-nos lembrar a famosa frase de Santa Teresa de Calcutá: “Nem todos nós podemos fazer coisas grandes. Mas podemos fazer coisas pequenas com muito amor.”

Por vezes, os nossos esforços de evangelização podem parecer pequenos ou insignificantes, mas são a semente de mostarda e o fermento necessários que mais tarde darão fruto. Os nossos pensamentos e as nossas orações vão para todos os grandes missionários que trabalharam, por vezes, em situações muito difíceis e desafiantes para garantir que o Evangelho fosse ouvido. Hoje cabe-nos a nós a tarefa de continuar os seus esforços. Podemos fazê-lo utilizando como um dos meios o paradigma que São Paulo nos oferece hoje na primeira leitura: tornarmo-nos dóceis e submissos aos estímulos do Espírito Santo e amar incondicionalmente a Igreja, Corpo de Cristo. Que o Senhor nos ajude agora e sempre! Amén.

=====

Quarta-feira, 30 de Outubro de 2024

XXX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 6, 1-9; Sal 144; Lc 13, 22-30

A imagem de Jesus como pregador itinerante, percorrendo cidades e aldeias, representa desde o início o caminho missionário da Igreja. A missão é sempre dinâmica.

O Senhor também deixa claro que a missão não é um *safari*, nem uma viagem turística. Pelo contrário, implica desafios e dificuldades. É um esforço para passar pela porta estreita.

Jesus está resolutamente a caminho de Jerusalém, como nos conta o evangelista Lucas logo ao início da Sua viagem (cf. *Lc 9, 51*). Mesmo quando Lhe foi negada a passagem por uma aldeia samaritana, tomou outro caminho e prosseguiu. Isto é uma indicação clara de que há e haverá sempre desafios associados à missão. No entanto, o remédio não é desistir, mas sim ter a coragem de descobrir novas formas de continuar. Que o Senhor conceda fortaleza e coragem a todos os missionários. Amén.

=====

Quinta-feira, 31 de Outubro de 2024

XXX Semana do Tempo Comum – Ano B

Ef 6, 10-20; Sal 143; Lc 13, 31-35

Na sua mensagem conclusiva, São Paulo recorda aos fiéis de Éfeso que devem haurir a sua força do Senhor e do Seu poder (cf. *Ef 6, 10*). Por outras palavras, os discípulos devem estar ancorados no Senhor para poderem superar os obstáculos da sua missão. Vêm-me à mente as palavras do próprio Senhor no Evangelho de João: “Eu sou a videira, vós os ramos. O que permanece em Mim e Eu nele, este dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer” (*Jo 15, 5*). Assim, não só vencemos as “raposas” de hoje, mas também damos muito fruto.

A missão pertence ao Senhor. Por isso, é necessário buscar forças n'Ele através da celebração da Sua Palavra e dos sacramentos, especialmente da Sagrada Eucaristia. No meio dos desafios, é preciso rezar (Missas) pela missão. Temos a responsabilidade de pedir Missas pelos que estão no campo de missão. Que o Senhor continue a guiar, abençoar e manter todos os missionários sob a Sua protecção. Amén.

=====

A pedido da União Missionária Pontifícia, colaboraram na redacção destas meditações as seguintes pessoas:

- Domingos: P. Yoland Ouellet, OMI, Director Nacional das OMP, Canadá francófono
- Dias de semana:
 - 1-14: P. Karl Wallner, Director Nacional das OMP, Áustria
 - 15 e 23: P. Pierre Diarra
 - 16-22: P. Jafet Alberto Peytrequin Ugalde, Director Nacional das OMP, Costa Rica
 - 24-31: P. Dennis C. J. Nimene, Director Nacional das OMP, Libéria

Tradução: P. José Rebelo, MCCJ – Director Nacional de Portugal